



Filtro

Brasil está entre países com a maior fuga de milionários

Segundo o Global Wealth Migration Review, cerca de 2 mil pessoas com mais de US\$ 1 milhão deixaram o país no último ano



A menina de 3 anos que entrou para clube internacional de superdotados



A filha de Natalie Morgan e Ben Dew, Ophelia, entrou para a Mensa, uma sociedade de pessoas com quociente de inteligência (QI) alto, quando tinha só 3 anos de idade, mas, a essa altura, eles já sabiam há algum tempo que a menina era superdotada.

“Nos faziam comer vômito”

As denúncias de abusos cometidos em orfanato por freiras na Escócia



A britânica Marie Peachey viveu junto com seu irmão mais velho, Samuel, e a irmã mais nova, Brenda, no Smyllum quando era criança. Ela contou à BBC ter ficado "chocada, assustada, enjoada... e feliz" ao saber das prisões.

Crise migratória na Venezuela

A agência de migração da Organização das Nações Unidas (ONU) alertou que a Venezuela está caminhando para o mesmo "momento de crise" de refugiados visto no Mediterrâneo em 2015.



O alerta compara a forte imigração de venezuelanos para países vizinhos com a registrada em direção à Europa, onde o fluxo de pessoas entrando pelo mar Mediterrâneo, em fuga de guerras, dificuldades econômicas e de outros conflitos em suas regiões de origem, disparou nos últimos anos e levou os países de destino a levantarem barreiras ou a endurecerem as regras de entrada em seus territórios.

No caso da Venezuela, **problemas como inflação nas alturas**, escassez de alimentos, remédios e produtos básicos têm sido os principais impulsos.

Segundo a Organização Internacional de Migração (OIM, da sigla em inglês), 2,3 milhões de venezuelanos já deixaram o país em meio à essa situação, que piorou significativamente a partir de 2015.

Estima-se que pelo menos 50 mil deles, ou 2%, tenham se fixado apenas no Brasil, até abril de 2018, um aumento de mais de 1000% em relação a 2015. O número leva em conta pedidos de asilo e residência.

Tensão cresce nas fronteiras

Nas regiões de fronteira, a tensão aumentou nos últimos dias, e governos buscam aumentar o controle de entrada dos imigrantes.

O Estado de Roraima, na região amazônica do Brasil, tentou fechar a fronteira, mas a proposta foi rejeitada pela Justiça no início deste mês.

Por ser a de mais fácil acesso, **a cidade de Pacaraima concentra a maior parte dos que cruzam a linha entre Venezuela e Brasil.**

A cidade foi palco de um conflito violento há uma semana, quando moradores expulsaram venezuelanos que estavam nas ruas da cidade e também queimaram seus pertences.

No Peru, regulamentos de fronteira mais rigorosos entraram em vigor no sábado - um dia depois de uma tentativa do Equador de fortalecer seus mecanismos de controle ser anulada judicialmente.

Centenas de milhares de venezuelanos já fugiram para o Peru

Centenas de venezuelanos seguiram para a fronteira

peruana, pelo Equador, antes da meia-noite de sexta-feira e do endurecimento da fiscalização.

Jonathan Zambrano, de 18 anos, que está em Tumbes, na fronteira entre o Equador e o Peru, disse à agência de notícias AFP que estava há cinco dias na estrada, junto com muitos outros.

Mais de 2,5 mil pessoas entraram na pequena cidade fronteiriça peruana de Águas Verdes na sexta-feira, com outras milhares tentando chegar ao país pelo principal ponto de travessia em Tumbes.

Apenas esse ponto tem registrado cerca de 3 mil chegadas de imigrantes por dia nas últimas semanas.

O Peru virou o novo lar de aproximadamente 400 mil imigrantes venezuelanos. A maioria desembarcou no país no ano passado, segundo a agência de migração do Peru.

Com as novas regras vigentes, os venezuelanos precisarão ter passaportes válidos para entrar no país. Até então, eles eram autorizados a usar apenas com suas carteiras de identidade.

O Equador tentou implementar uma lei semelhante na semana passada. No entanto, na sexta-feira, um juiz considerou que exigir que os venezuelanos tenham passaportes válidos quebra acordos regionais sobre liberdade de movimentação.

É difícil ajudar mais pessoas

Assim como no Brasil, também é possível ver nas ruas peruanas que nem todos os consideram bem vindos.

Giannella Jaramillo, que administra uma barraca de roupas em uma cidade perto da fronteira, disse à AFP: "Por um lado, sentimos muito pelo povo venezuelano, mas eles estão tirando o emprego dos peruanos. É difícil ajudar mais pessoas."

O equatoriano Gerardo Gutierrez tem uma percepção semelhante. "Ande dois quarteirões e você verá dez venezuelanos, ande mais dois e verá dez venezuelanos. Em países economicamente pobres, é difícil ajudar mais pessoas com o pouco que existe".

O primeiro-ministro peruano, César Villanueva, disse que exigir que os venezuelanos mostrem seu

passaporte na fronteira não significa que o Peru esteja "fechando a porta" para os imigrantes.

Ele afirmou que carteiras de identidade não fornecem informações suficientes e podem ser facilmente falsificadas.

O ministro das Relações Exteriores peruano, Néstor Popolizio, disse, por sua vez, que os venezuelanos podem solicitar vistos nos consulados do Peru na Venezuela, na Colômbia, no Equador ou até mesmo na fronteira em Tumbes.

É um sinal de alerta, diz agência da ONU

Joel Millman, porta-voz da OIM, disse que tudo isso - bem como os recentes episódios de violência na fronteira do Brasil - é um sinal de alerta precoce de que a região precisava de ajuda.

"Isso está caminhando para um momento de crise que já vimos em outras partes do mundo, particularmente no Mediterrâneo", disse ele à imprensa.

"Uma situação difícil pode se tornar uma situação de crise muito rapidamente, e temos de estar preparados."

No entanto, Chiara Cardoletti, da agência de refugiados da ONU (UNHCR, da sigla em inglês), disse que outros países da região acolheram os venezuelanos e estão ajudando a "evitar uma situação como a que vimos na Europa".

"O que estamos vendo é um continente que tem aberto suas portas para as pessoas que estão fugindo e que precisam de apoio", disse ela.

Cardoletti acrescentou que a Colômbia cadastrou e regularizou mais de 450 mil venezuelanos. A ONU estima que mais de 870 mil venezuelanos estejam na Colômbia, muitos deles em condições vulneráveis.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, vai montar uma equipe especial da organização para coordenar uma resposta regional à crise, enquanto o Equador vai sediar uma cúpula regional de 13 nações em setembro, na qual o tema deve ser debatido.

A GRANDE MENTIRA DO CARISMA DE HITLER

Partido nazista não recebeu mais votos nas cidades onde o suposto líder carismático fez comícios

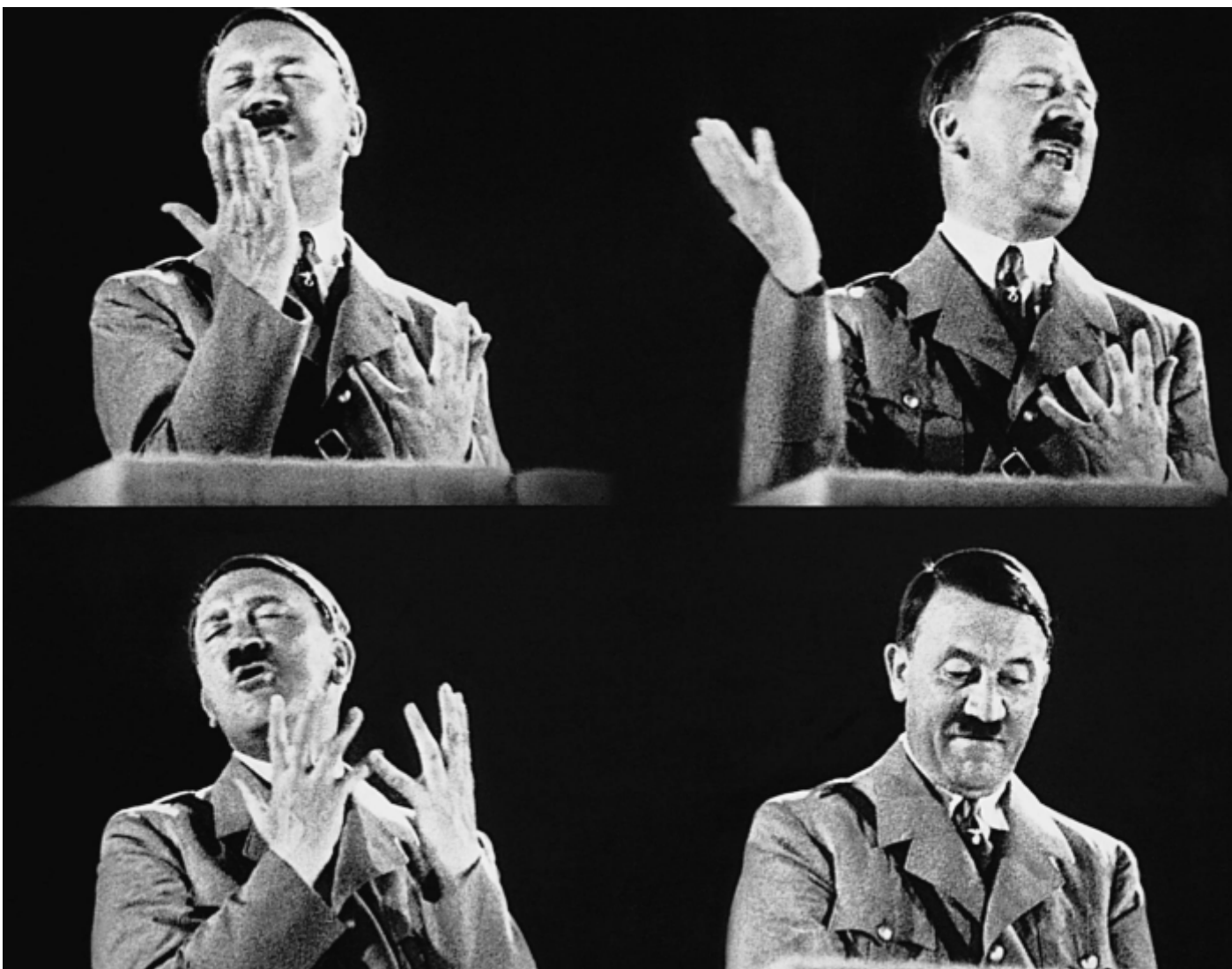
Em apenas cinco anos, entre 1928 e 1933, os nazistas deixaram de ser uma força marginal para ganhar as eleições nacionais da Alemanha com quase 44% dos votos. Nesse meio tempo, seu líder, Adolf Hitler, participou de mais de 500 atos por todo o país. Houve dias em que esteve em cinco cidades diferentes, sendo o primeiro político a usar o avião para ir aos comícios. Entretanto, uma exaustiva análise dos resultados eleitorais daqueles anos mostra que o partido nazista não teve um extra de votos onde Hitler subiu no palanque.

Depois de seu fracassado golpe de Estado de 1923 e de uma breve estadia na prisão, Hitler estacionou sua ideia de tomar o poder pela força e apostou na via eleitoral —queria acabar com a democracia por dentro—. Para muitos, é então que surge o Hitler político. De verbo fácil e uma reconhecida habilidade para o discurso político, confiava em sua capacidade de mobilizar as massas. Além disso, em um partido tão hierarquizado e militarizado como o Nacional-Socialista Operário Alemão (NSDAP), todo o protagonismo era para o chefe.

“Por isso sabemos sobre a estratégia de campanha dos nazistas, não foi só que Hitler concebesse tudo. Ele mesmo parecia acreditar no poder de sua retórica e achava que era talvez a ferramenta de propaganda mais efetiva que tinham, mais do que os jornais, por exemplo”, diz o pesquisador Simon Munzert, da Escola Herthie de Governança de Berlim e coautor do estudo. “Não chegaria a descrever Hitler como o primeiro político moderno, porque isto implica analogias com o político moderno genérico, mas a campanha nazista e as ferramentas que usaram estavam à frente do seu tempo, ao menos na Alemanha”, acrescenta.

O papel central do líder se traduziu em uma frenética atividade política nas cinco eleições parlamentares e uma presidencial em dois turnos das quais participou. Entre março de 1927, quando foi revogada a proibição de falar em público imposta pelo juiz ao lhe conceder a liberdade condicional, até a noite anterior às últimas eleições democráticas, em março de 1933, Hitler participou de 566 atos políticos, a maioria comícios. No princípio, só algumas centenas de pessoas compareciam. Mas, já em 1932, até 100.000 foram ver o líder nazista no estádio Victoria, em Hamburgo. Estima-se que 4,5 milhões de pessoas compareceram aos seus comícios. Qual foi o impacto eleitoral dos discursos de Hitler?

“Nossos resultados sugerem que foi completamente inapreciável”, sustenta o pesquisador alemão. Com seu colega Peter Selb, cientista político da Universidade de Konstanz (sul da Alemanha), Munzert repasou os registros eleitorais das seis eleições em 3.864 municípios e 1.000 condados. Seu trabalho, antecipado na publicação especializada *American Political Science Review*, incluiu dados sobre a localização dos



comícios, as pessoas que compareceram e o número de membros do NSDAP nas cidades que o líder visitava. E compararam seus resultados eleitorais com os das eleições anteriores e com os de cidades próximas, mas onde Hitler não havia discursado.

Nas eleições presidenciais, em que Hitler usou o avião, e seu principal rival, o presidente Hindenburg, não fez campanha, os pesquisadores estimam que o efeito médio das suas aparições sobre o aumento da votação do NSDAP nas cidades onde ele esteve foi de apenas 2%. Ainda assim, Hitler perdeu aquelas eleições. “O efeito foi ainda menor nas outras eleições, e não distinguível de zero”, comenta Munzert. O que observaram, embora sem significação estatística, é que em muitos dos distritos e condados onde Hitler fez algum discurso a participação nas eleições subsequentes diminuiu. Os autores sugerem que a intimidação e a violência das SA, a força paramilitar nazista, pode ter levado parte dos eleitores dos outros partidos à abstenção.

“Surpreende-nos como foi marginal o efeito das aparições de Hitler, em especial se levarmos em conta que quem o ouviu e os historiadores confirmam sua excepcional habilidade para a retórica”, diz em nota o

cientista político Selb. É preciso levar em conta também que a capacidade de Hitler para chegar a audiências maciças era, àquela altura, muito limitada. Sua presença nos jornais era muito reduzida, quando não vetada, e o *Volkischer Beobachter*, a publicação nazista, tinha uma circulação escassa. Quanto ao rádio, os nazistas mostrariam seu domínio do novo meio já no poder, não antes. Daí o suposto peso de seus discursos.

Em sua conclusão, os autores do estudo questionam a ideia de que os líderes carismáticos sejam cruciais para explicar o sucesso dos partidos de extrema direita tanto na Europa dos anos 30 como agora. “A mistificação do poder dos demagogos parece tão errônea agora como foi então”, escrevem. Para eles, pôr o foco em personagens como Hitler nos leva a descuidar de outros fatores tão ou mais relevantes: “As circunstâncias econômicas e políticas em que triunfaram eleitoralmente, o desemprego maciço e a ruína econômica, a falta de confiança na democracia entre as elites e a população, a desconfiança popular contra os partidos estabelecidos e instituições fracas”.

Por Miguel Ángel Criado - El País



Já conhece a sensação do momento para perder peso rápido e com saúde?

O café verde está rapidamente se tornando o suplemento natural para perda de peso de maior crescimento no mercado, e por uma boa razão! Um composto chamado ácido clorogênico, que pro-

Descubra os benefícios do Green Coffee Xtreme

Confira

A DOENÇA QUE DESTRÓI OS ROSTOS DAS CRIANÇAS MAIS POBRES DO MUNDO

Estudo joga luz ao noma, uma infecção aterrorizante, de origem desconhecida, que afeta 140.000 por ano

Por Manuel Ansede - El País

Não esconda seu filho em casa, pede um folheto informativo da Organização Mundial da Saúde (OMS). Dirige-se às famílias de crianças com noma, uma doença negligenciada, de origem desconhecida, que destrói o rosto de suas vítimas em questão de dias. Noma, em grego, significa devorar. E isso é o que ocorre, literalmente. Começa como uma simples úlcera nas gengivas e rapidamente se torna uma gengivite necrosante e ulcerosa que perfura os músculos, a pele e os ossos. Os pacientes despreendem um aroma fétido. A OMS calcula que 140.000 crianças contraem noma a cada ano. Se não receberem tratamento antibiótico, 90% morrem, muitos já sem nariz e com um buraco na cara que deixa a mandíbula à vista. Os que sobrevivem ficam desfigurados para o resto da vida.

“Normalmente tendem a ser afastados da vida cotidiana, sendo escondidos ou isolados com os animais. Porque, muitas vezes, as gangrenas são consideradas um sinal demoníaco ou uma maldição para a família”, contava em 2015 uma equipe de pesquisadores espanhóis encabeçada por María García Moro, especialista em doenças tropicais da Universidade de Salamanca.

Uma nova pesquisa lança um pouco de luz sobre os fatores de risco desta peste não contagiosa. Uma equipe da ONG Médicos Sem Fronteiras (MSF) analisou 74 casos atendidos no primeiro hospital do mundo dedicado ao noma, estabelecido em Sokoto, uma cidade majoritariamente muçulmana no noroeste da Nigéria. Seus resultados certificam o evidente. O noma se espalha entre as crianças das famílias mais pobres das aldeias mais pobres dos países mais pobres. É a pobreza ao cubo. O principal fator de risco é a miséria.

A primeira pessoa a descrever a doença foi o médico holandês Carolus Battus, em 1595. O noma era comum na Europa naquela época, e assim permaneceu até o século XIX, quando a nutrição e o saneamento básico melhoraram sensivelmente. Alguns dos últimos casos foram registrados nos campos de concentração nazistas de Bergen-Belsen e Auschwitz. Na Espanha, uma mulher de 50 anos com HIV sofreu noma em 2010. Quando chegou a um hospital de Alicante, a doença já tinha devorado meia bochecha. Exceto por casos isolados como esses, a patologia se concentra nos países mais pobres do planeta, sobretudo no chamado “cinturão do noma”, que percorre a



África do Senegal à Etiópia.

“Sabe-se pouco sobre o noma, já que a maioria dos doentes vive em lugares desatendidos e de difícil acesso”, dizem os pesquisadores do MSF, dirigidos pela epidemiologista Elise Farley. “Os pacientes que conseguem chegar a um posto de saúde são poucos e frequentemente já estão muito doentes. A maioria dos afetados pelo noma morre duas semanas depois dos primeiros sintomas se não receber tratamento”, detalha Farley. Na gangrena de seus rostos é possível identificar uma multidão de espécies de micróbios, como a *Fusobacterium necrophorum* e a *Prevotella intermedia*, mas se desconhece o que desencadeia a infecção.

Os especialistas têm diferentes hipóteses sobre a mesa. Os fatores de risco conhecidos incluem a pobreza, a desnutrição, a falta de higiene oral, a convivência com o gado e infecções prévias, especialmente o sarampo, segundo os estudos pioneiros de Cyril Enwonwu, um médico nigeriano da Universidade de Maryland (EUA) empenhado há mais de duas décadas em encontrar o culpado do noma. No entender de Farley, esses fatores diversos se unem e criam “uma tempestade perfeita” para que o noma surja.

O novo estudo do MSF culpa uma dieta pobre e monótona, com crianças alimentadas todos os dias com as mesmas papas de milho. Os pesquisadores também apontaram o consumo do colostro – o primei-

ro leite que dá uma mãe – como um fator protetor contra o noma. O trabalho, entretanto, não pôde estudar o potencial efeito do sarampo como desencadeante, já que não existe nada parecido com um histórico clínico dos pacientes. Além disso, a cobertura de vacinas na região é tão baixa que impede de comparar as crianças com e sem noma. Só 2 dos 74 pacientes com noma (2,6%) haviam sido vacinados contra o sarampo. Nas crianças sem noma escolhidas como referência nos mesmos povoados, a percentagem mal alcançava 6,8%. “É necessária mais pesquisa para compreender melhor a origem desta doença”, pede a equipe de Elise Farley em seu estudo, publicado na revista especializada PLOSNTD.

A OMS recorda que o noma, às vezes, é chamado de “o rosto da pobreza”. A análise da equipe de María García Moro corrobora: “O noma pode ser considerado um indicador biológico de múltiplas violações dos direitos humanos, incluído o direito à alimentação”.

Em alguns casos, porém, há um final feliz ou, pelo menos, não tão desventurado. Os cirurgiões do MSF operaram o rosto de 243 sobreviventes do noma em 2017. “Alguns pacientes disseram que depois da cirurgia foram bem acolhidos de volta às suas comunidades e podem ir à escola ou se casar”, comemora Farley.

 SELTEN®



**Tênis Masculino Cano Alto
Com Solado Anatômico
do Tamanho 38 ao 43**

Sapatenis cano alto casual Selten original, solado em borracha para maior conforto e durabilidade com garantia exclusiva Selten. Produzido com materiais nobres e design que proporciona muito mais conforto e durabilidade

R\$ 114.90
ou em até 12x no cartão

[Confira](#)

NÃO EXISTE NÍVEL SEGURO DE CONSUMO DE ÁLCOOL

Uma má notícia para quem gosta de tomar uma taça de vinho no fim do dia, acreditando ser um hábito saudável.



Tomar uma taça de vinho por dia pode não ser tão saudável, dizem pesquisadores

Laurel Ives - BBC Brasil

Um novo estudo global, publicado na revista científica *The Lancet*, confirmou o que algumas pesquisas anteriores diziam: não existe um nível seguro para o consumo de álcool.

Os pesquisadores admitem que beber moderadamente pode proteger contra doenças cardíacas, mas sugerem que o risco de desenvolver câncer e outros males se sobrepõe aos benefícios.

De acordo com os autores do estudo, essas descobertas são as mais significativas já realizadas até hoje, devido à variedade de fatores levados em conta na pesquisa.

Quão arriscado é beber moderadamente?

O estudo, que faz parte da série Fardo Global das Doen-

ças (GBD, na sigla em inglês), analisou os níveis de consumo de álcool e seus efeitos sobre a saúde em 195 países de 1990 a 2016.

Na pesquisa, realizada com participantes de 15 a 95 anos, os cientistas compararam pessoas que não bebem álcool com consumidores de bebida alcoólica.

E descobriram que, dos 100 mil abstêmios, 914 desenvolveram problemas de saúde relacionados ao álcool, como câncer, ou sofreram alguma lesão.

Já quem toma diariamente uma dose - equivalente a 10 gramas de álcool puro - apresenta um risco 0,5% maior, se comparado a quem não bebe.

Se o consumo for de duas doses por dia, o risco sobe para 7%. E, no caso de cinco doses diárias, chega a ser 37% maior.

"Um drinque por dia significa um aumento pequeno do risco, mas se você ajusta isso à população do Reino Unido,

representa um número muito maior. E a maioria das pessoas não toma apenas uma bebida por dia", diz a médica Sonia Saxena, pesquisadora do Imperial College London, no Reino Unido, uma das autoras do estudo.

"Estudos prévios identificaram um efeito protetor do álcool em relação a algumas condições, mas descobrimos que os riscos combinados à saúde associados ao álcool aumentam com qualquer quantidade (consumida)", completa Max Griswold, principal autor da pesquisa, da Universidade de Washington, nos EUA.

"A forte associação entre o consumo de álcool e o risco de câncer, lesões e doenças infecciosas compensa os efeitos protetores contra doenças cardíacas."

"E embora os riscos para a saúde do álcool comecem pequenos, com uma dose por dia, eles crescem rapidamente à medida que as pessoas bebem mais", alerta.

No Reino Unido, o sistema de saúde recomenda, desde 2016, que homens e mulheres não bebam mais do que 14 "unidades" de álcool por semana, o equivalente a seis pints (medida inglesa que corresponde a 560 ml) de cerveja de moderado teor alcoólico ou a dez taças pequenas de vinho de baixo teor alcoólico.

Na época, a professora Dame Sally Davies, chefe de saúde do governo britânico, observou que qualquer quantidade de álcool poderia aumentar o risco de câncer.

'Risco consciente'

A pesquisadora Sonia Saxena ressalta que o estudo é o mais importante já realizado até hoje sobre o tema.

"Este estudo vai além de outros ao levar em conta uma série de fatores, incluindo as vendas de álcool, dados dos participantes sobre a quantidade de álcool ingerida, abstinência, informações sobre turismo e taxas sobre comércio ilegal e cervejarias artesanais", explica.

Em todo o mundo, estima-se que uma em cada três pessoas consuma bebida alcoólica, responsável por quase um décimo das mortes de pessoas entre 15 e 49 anos.

"A maioria de nós, no Reino Unido, bebe muito além dos limites de segurança, e como o estudo mostra, não existe limite seguro. As recomendações do sistema de saúde precisam ser reduzidas ainda mais e o governo precisa repensar sua política. Se você vai beber, informe-se sobre os riscos e assumo um risco consciente", diz Saxena.

Já o professor David Spiegelhalter, pesquisador Universidade de Cambridge, no Reino Unido, divulgou uma nota de advertência em relação aos resultados do estudo.

"Dado o prazer presumivelmente associado ao consumo moderado, alegar que não há um nível 'seguro' não parece um argumento para a abstenção", diz ele.

"Não há nível seguro para dirigir, mas o governo não recomenda que as pessoas evitem dirigir."

"Refleta um pouco a respeito, não existe nível seguro para viver, mas ninguém recomendaria desistir (da vida)".

Max Memory

TENHA TOTAL CONTROLE DO SEU RACIOCÍNIO

Max Memory deixa o seu cérebro livre do estresse, do cansaço mental e potencializa a produção de neurotransmissores, turbinando sua concentração foco e memória.



COM MAX MEMORY

Utilizando o suplemento vitamínico Max Memory você sentirá os resultados nos primeiros dias. Além do foco e do maior poder de memória, você terá muita energia para absorver informações e formular projeto

SEM MAX MEMORY

Quem não faz uso do suplemento Max Memory está sujeito a redução do desempenho cerebral, capacidade cognitiva e do poder de acessar memórias, sejam elas afetivas quanto para o desempenho profissional.

Saiba mais



Ophelia conseguia recitar o alfabeto aos 2 anos de idade

A menina de 3 anos que entrou para clube internacional de superdotados

A filha de Natalie Morgan e Ben Dew, Ophelia, entrou para a Mensa, uma sociedade de pessoas com quociente de inteligência (QI) alto, quando tinha só 3 anos de idade, mas, a essa altura, eles já sabiam há algum tempo que a menina era superdotada.

"Foi em torno dos 8 meses", diz Natalie sobre quando ela e Ben se deram conta do quão inteligente Ophelia era.

A menina falou sua primeira palavra alguns meses antes do normal. "A partir daí, ela começou a falar o nome das cores, as letras, os números, tudo mais cedo do que a maioria das crianças."

Aos 2 anos, Ophelia já sabia o alfabeto. Quando foi para a creche, seus pais perceberam o quão mais avançada ela estava em relação aos colegas.

Foi então que eles decidiram que ela seria avaliada e a levaram a um psicólogo especializado em crianças superdotadas. "Queríamos saber como podíamos ajudá-la", diz Ben.

"Não queríamos que ela se sentisse pressionada, mas, ao mesmo tempo, não queríamos que ela se sentisse pouco estimulada."

Como é ser uma criança superdotada

Ophelia fez o teste Stanford-Binet, usado para avaliar crianças a partir de 2 anos em áreas como noção

especial e verbal e habilidades lógicas.

O resultado médio entre todas as pessoas que fazem esse teste é de 100. A maioria fica entre 85 e 115. O resultado de Ophelia foi 171.

"Ficaria orgulhosa dela qualquer que fosse o resultado, contanto que ela estivesse feliz e saudável", diz Natalie.

A psicóloga Lyn Kendall, consultora da Mensa no Reino Unido, diz que crianças superdotadas processam as coisas mais rapidamente, têm uma boa memória e prestam mais atenção no que ocorre ao seu redor.

Ela também tem uma sede por aprender, o que pode ser difícil para os pais dessas crianças acompanharem.

"Essas crianças começam a agir assim às 5 da manhã e só param ao dormir. Normalmente, os pais chegam para mim e dizem: 'Nos ajude, essa criança não para de fazer perguntas e de querer aprender o tempo todo'", afirma Kendall.

"Os pais acabam se sentindo isolados. Não podem falar disso com os outros pais na porta da escola, porque pareceria que você está se gabando."

O papel dos pais de crianças com QI alto

Kendall diz, no entanto, que, ao contrário de Natalie e Ben, alguns pais pressionam os filhos para terem um desempenho acima da média - ela se diz totalmente contra isso.

"Pais assim dão alimentos de alto valor energético

para seus filhos, sucos com misturas especiais. Seus dias são tomados por uma programação de atividades", conta a psicóloga.

"Pais me ligam e dizem que 'às 18h30, nós teremos uma conversa intelectual' com seus filhos. A que horas eles terão tempo de ser crianças?"

O filho de Kendall, hoje com 36 anos, era uma criança superdotada. Ele escreveu um romance e trabalhou para a Microsoft, que era seu emprego dos sonhos quando era mais novo.

Mas a psicóloga diz que ela sempre se preocupou mais em garantir que ele teria uma formação completa.

"Ainda que o cérebro dessas crianças funcione à velocidade da luz, seus corpos e emoções ainda são infantis, e temos sempre de nos lembrar disso."

Natalie diz que Ophelia é "uma criança de 3 anos em todos os outros aspectos". Gosta de correr por aí e brincar com os primos, pular em poças - coisas normais para sua idade. Ela só gosta muito também de aprender e experimentar coisas novas.

"É como falar com alguém de 19 anos de idade", diz Ben sobre suas interações com a filha.

"Ela trava conversas propriamente ditas, surge com suas próprias ideias. Ela parece pegar as coisas muito mais rápido e se lembra disso."

QUER MORAR, EMPREENDER OU ESTUDAR EM PORTUGAL?

PROCURE-NOS!



Somente
 WhatsApp

27 99996-8666

Geraldo Ribeiro
 geraldoribeirocj@gmail.com

ATENDIMENTO EM LISBOA E NO PORTO

Tel.: Portugal
 00 351 963 798 888



Descoberta tribo indígena isolada na Amazônia

Fundação Nacional do Índio divulgou imagens feitas com um drone em 2017 que revelam a existência de um grupo não detectado até agora

As imagens tomadas com a ajuda de um drone em uma área de difícil acesso na Amazônia brasileira mostram figuras que caminham em uma clareira na vegetação abundante. A Fundação Nacional do Índio (Funai) acaba de divulgar um vídeo gravado no ano passado durante uma de suas expedições ao Vale do Javari que revela a existência de indígenas isolados, que se juntam à dezena de tribos nunca contatadas pelo homem branco detectadas na região.

É uma área de difícil acesso no sudoeste do extenso estado do Amazonas, próxima da fronteira com o Peru, onde se concentra o maior número de registros confirmados de tribos isoladas no Brasil. A Funai –instituição governamental que desenvolve políticas de proteção para as comunidades indígenas– tem conhecimento da existência de pelo menos 11 povos

indígenas que habitam a floresta sem contato com cidades. Além disso, estabeleceu contato com outros oito grupos que preferem continuar vivendo de acordo com seus costumes ancestrais nas áreas em que habitam. Em suas expedições, encontraram sinais de vida dessas comunidades, como uma enorme cabana, machados artesanais, uma corneta feita de casca de árvore e canoas talhadas em troncos de palmeiras. Para chegar até lá, a equipe formada por membros da Funai e da polícia teve de percorrer 180 quilômetros por rios e caminhos de terra, além de outros 120 de caminhada pela floresta, como explicou a instituição em um comunicado.

O projeto, que visa “proteger indígenas isolados”, contou com a ajuda de membros do povo Kanamari, grandes conhecedores da região. O coordenador dos trabalhos, Vitor Góis, enfatiza que “a vigilância e o controle devem ser intensificados na região para inibir a ação de criminosos e garantir a plena posse do território pelos índios”. A Funai possui 107 regis-

tros de grupos indígenas isolados no Brasil.

O único sobrevivente

A mesma organização divulgou no mês passado imagens de uma pessoa que se acredita ser o único sobrevivente de uma aldeia arrasada na Amazônia. O homem vive na Terra Indígena Tanaru, no estado de Rondônia (que faz fronteira com a Bolívia), e se presume que vaga pela floresta há 22 anos depois que seu povo sucumbiu aos ataques de fazendeiros e madeireiros.

Esse vídeo foi gravado em 2011, mas não havia sido divulgado até agora. Devido às evidências encontradas este ano, acredita-se que ele ainda esteja vivo. Sua situação, como a desses povos, preocupa os especialistas, que advertem sobre os ataques e pressões do agronegócio e da mineração para se apropriarem das terras ancestrais. Mais de 800.000 indígenas de 305 etnias com 274 línguas vivem no Brasil.



Bota Adventure/Trilha com palmilha em gel



Bota Adventure/Trilha Em Couro Com Solado Em Borracha e Palmilha em Gel para maior conforto e durabilidade com garantia exclusiva Selten. Produzido com materiais nobres e design que proporciona

R\$ 139.90
ou em até 12x no cartão

Confira

EM 2025, ROBÔ DA WEB VAI FAZER COMPRAS E ENTREGAR EM CASA

Sair de casa, ou mesmo entrar em um site para repor produtos de uso recorrente, como comida e produtos de limpeza, será uma coisa do passado em 2025. Com a ampliação do uso de sensores, de ferramentas que permitem personalizar o relacionamento com o consumidor e de "bots" - robôs de internet ou programas de computador que simulam ações humanas pré-determinadas -, o varejista vai saber quando o cliente fica sem um produto e se encarregará de entregá-lo.

A compra automatizada de produtos de uso recorrente é uma das três principais tendências para o futuro do relacionamento com clientes detectada em uma pesquisa feita pela consultoria Bain & Co com 700 executivos de empresas de todo o mundo. Na lista entraram também o uso de geolocalização, para identificar que um cliente entrou em uma loja e moldar o atendimento às suas necessidades, e a redução de 80% no número de transações com dinheiro vivo, resultado do aumento nas transações com dispositivos móveis e nos pagamentos feitos usando biometria. Ao todo, a Bain explorou a possibilidade de concretização de 25 tendências.

A consultoria também mapeou as empresas com melhor desempenho financeiro dentro da amostra e detectou que essas companhias tendem a acreditar mais que as tendências irão acontecer. "[As empresas com o melhor desempenho] tendem a ter uma visão mais crítica e sabem que precisam se preparar para as mudanças", disse Sílvio Marote, sócio da Bain. Companhias com melhores resultados também se dizem mais satisfeitas com os retornos obtidos com as ferramentas de relacionamento que utilizam - o que leva a crer que o bom uso da tecnologia é um impulsionador do desempenho financeiro.

Na divisão por regiões, as empresas da Ásia-Pacífico se mostraram mais animadas com relação ao futuro das tecnologias de relacionamento com os clientes, com praticamente dois terços das empresas concordando que as principais tendências se tornarão realidade. Na América Latina, o percentual é de 60%.

Os países emergentes lideram a adoção de ferramentas pois conseguem adotar rapidamente novas tecnologias, sem a necessidade de integrá-las a sistemas mais velhos, já em funcionamento. A região Ásia-Pacífico se destaca - cada empresa usa, em média, seis. A América Latina empata com a Europa no número médio de ferramentas usadas para gerenciar o relacionamento com clientes, com quatro, em média. O número é maior que o dos EUA (3), mas fica abaixo da média global (5). De acordo Marote, é importante se concentrar em algumas poucas



iniciativas e tirar o melhor proveito delas, ao invés de tentar diversas coisas ao mesmo tempo. "As organizações têm que ter muita clareza de onde elas querem chegar, quais os objetivos de negócios que querem atingir com as ferramentas e partir daí, não dos modismos", disse.

Discutido e promovido há muito tempo - mas pouco praticado em boa parte das empresas -, o "foco no cliente" tem ganhado força ao redor do mundo porque o cenário básico para empresas de setores como telecomunicações, automotivo e mídia é de encolhimento na base de clientes, não de expansão,

por conta das mudanças no perfil de consumo, avaliou Marote.

No Brasil, o cenário que se desenha é de "roubo" de clientes dos concorrentes, ao invés da conquista de novos usuários. O mercado de celulares no país é um exemplo. Praticamente toda a população já tem um celular na mão, obrigando a operadora de telefone a "roubar" o cliente da concorrente. Para não perder o consumidor, "o contexto é se defender", diz Marote.

Por Gustavo Brigatto
Fonte: Valor Econômico



SELTEN®

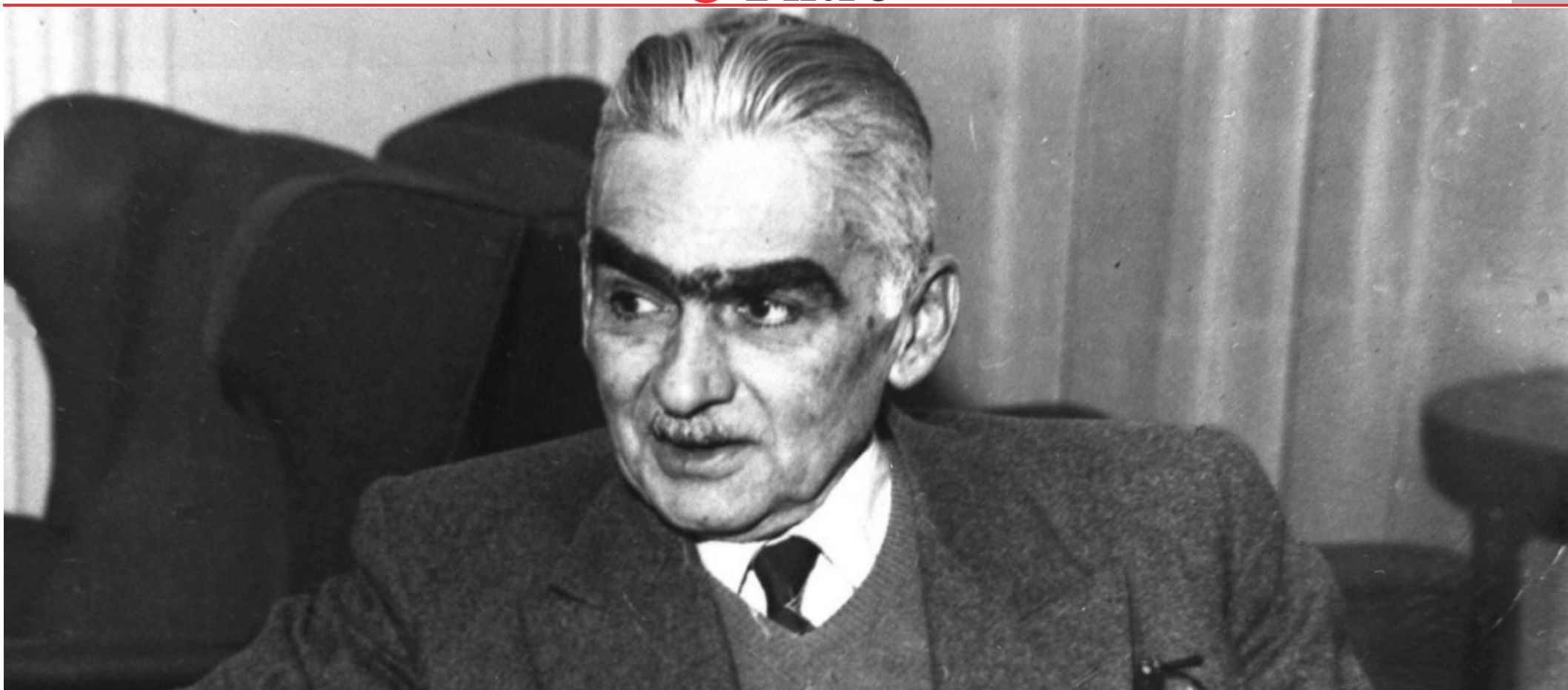


Coturno Motociclista Bota p/ andar de moto

Bota para moto com proteção lateral gear Shift em borracha Selten, equipamento para atender a demanda desafiadora, para conforto e tecnologia. Linha coturnos motociclista Selten, utilizados profissionalmente para policias militares, Bope, Rocam entre outros.

R\$ 118.00
ou em até 12x no cartão

Confira



Como o escritor Monteiro Lobato misturou crítica social e sucesso de mercado com o 'Jeca Tatu'

Marcus Lopes para a BBC News Brasil

Conhecido por sua fina ironia, o escritor Monteiro Lobato costumava brincar ao dizer que seus livros não passavam de "umas tantas lorotas que se vendem". Agora, uma das principais "lorotas" de Lobato completa um século de vida: o livro *Urupês*, editado em 1918, tornou famoso o personagem Jeca Tatu.

Símbolo de um país agrário, pobre, injusto e atrasado, o Jeca, que virou sinônimo do caipira ingênuo brasileiro, chega ao centenário tão atual como na época em que foi lançado, segundo os especialistas na obra de Lobato.

"*Urupês* pode ser um bom começo para entender o contexto histórico que levou ao Brasil de hoje. A perspectiva política em que Lobato representa o Brasil das primeiras décadas do século 20, mais criticando do que aplaudindo medidas governamentais, é extremamente atual", afirma Marisa Lajolo, professora da Universidade Mackenzie e organizadora do livro *Monteiro Lobato, Livro a Livro* (Editora Unesp, 2014), que reúne artigos que analisam a obra adulta do criador do *Sítio do Picapau Amarelo*.

As raízes de Jeca Tatu estão em dois artigos escritos por Monteiro Lobato para o jornal O Estado de S.Paulo, em 1914. Neles, o autor condenava as queimadas praticadas por caboclos nativos no Vale do Paraíba, interior de São Paulo, onde o escritor tocava a Fazenda Buquira, herdada do avô, o Visconde de Tremembé.

Urupês é focado no personagem principal, o Jeca. O nome da obra é inspirado no urupê - um tipo de cogumelo parasitário que destrói a madeira -, e o Jeca Tatu é descrito como um caipira indolente, desleixado, sempre de cócoras e pés descalços, nenhuma educação, cultura, ambição ou mesmo disposição para melhorar de vida. Vive do que a natureza derrama aos seus pés e flerta o tempo todo com a preguiça, a cachaça e as crendices populares.

Jeca Tatu é o homem do campo real, que leva uma vida miserável nos rincões brasileiros e é praticamente ignorado pelos governantes. É lembrado pelos políticos apenas no momento do voto nas eleições. "O fato mais importante da sua vida é votar no governo. (...) Vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfrega a pena no livro eleitoral, arabescando o aranhão de gatafunhos e que chama 'sua graça'", diz Lobato, em um dos trechos do livro.

"Pobre Jeca tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade", completou Lobato, distanciando-se da figura romantizada que havia do interior do país e os seus moradores, muito cultuada nas rodas literárias nas primeiras décadas do século 20. Nessa época, era comum escritores e estudiosos cultuarem uma vida caipira sem problemas, marcada pelo contato com a natureza e distante do cotidiano real vivido na zona rural.

"Lobato lança um olhar crítico e ácido sobre a realidade

brasileira, algo incomum entre os escritores da sua época. É muito importante celebrar o centenário dessa obra demolidora, que questiona valores e não deixa pedra sobre pedra no panorama da literatura do século 20", afirma a jornalista Marcia Camargos, biógrafa de Lobato e coautora de *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia* (Edições Senac).

A redenção do personagem pelo seu criador viria pouco depois em outro livro, a coletânea *Problema Vital*, também de 1918, onde Lobato reúne uma série de artigos escritos para a imprensa e afirma categórico: "O Jeca não é assim; está assim", deixando claro que o estado lastimável em que se encontrava o caipira era culpa do descaso das autoridades públicas.

"Há no Jeca uma mudança contínua, que evolui de acordo com a conscientização de Lobato a respeito das péssimas condições de vida do povo. Jeca é um símbolo, ele encarna o trabalhador brasileiro, sempre no lado mais frágil na luta de classes", explica Marcia Camargos, que possui pós-doutorado em História pela USP.

Outros personagens criados por Lobato posteriormente, como o Zé Brasil, em 1947, reforçam essa tese. "Em toda a obra adulta dele percebemos um crítica muito forte à política brasileira. Estamos em um momento político que

torna muito oportuna a releitura de *Urupês*", completa a professora do Mackenzie, referindo-se às eleições de outubro.

Ao editar e imprimir *Urupês* por conta própria na Revista do Brasil, que comprou com o dinheiro da venda da Fazenda Buquira e transformou em uma grande editora nacional, Lobato também praticamente inaugurou o mercado editorial no Brasil. Até então, grande parte dos livros era impressa na Europa.

Um 'best-seller' internacional

Desde o seu lançamento, *Urupês* foi um sucesso estrondoso: mais de 30 mil exemplares vendidos em sucessivas edições até 1925, sendo também traduzido para o espanhol e inglês. Em 1919, Jeca Tatu foi citado em discurso de Rui Barbosa durante sua campanha presidencial. "Por tudo isso, podemos perceber a força e a vitalidade desse livro, que veio remexer as águas mornas do então mercado editorial nacional", diz Marcia Camargos.

"Além da novidade de cenário e de personagens, os contos de *Urupês* são narrados em uma linguagem coloquial e cheia de lances de oralidade. É como se o leitor 'ouvisse' alguém contando histórias", explica Marisa Lajolo, sobre o sucesso da obra nos anos seguintes ao seu lançamento.

Até morrer, em 1948, Lobato abraçou diversas causas nacionalistas, como a campanha do petróleo, e lançou diversos livros adultos e infantis. Sua obra mais conhecida do público juvenil é *Narizinho Arrebitado*, lançado em 1921 pela Monteiro Lobato & Cia Editora e que deu início à turma do *Sítio do Picapau Amarelo*. Lobato tornou-se um dos escritores mais consagrados da história da literatura infantil e juvenil brasileira.

Atualmente, *Urupês* é editado pela Editora Globo, que prepara uma edição especial para ser lançada até o fim do ano. No ano que vem, toda a obra do escritor cai em domínio público e deve ser relançada por outras grandes editoras.

Uma nova biografia juvenil de Lobato também está sendo preparada por Marisa Lajolo junto com a historiadora Lilia Schwarcz. A previsão é que obra seja lançada em 2019 pela Companhia das Letras. "Será um livro bastante divertido, pois será como se ele contasse a vida dele. Apresentaremos Lobato como uma grande figura, e não como um nerd", adianta Marisa.

Ela revela aspectos curiosos e poucos conhecidos do escritor de Taubaté que estarão no novo livro, como o fato dele nunca ter sido bom aluno e adorar sentar junto com a "turma do fundão" nas aulas do colégio. Isso não o impediu de tornar-se um intelectual respeitado, autor ídolo das crianças, precursor da indústria editorial nacional e autor da célebre frase: "Um país se faz com homens e livros".



NOVA DROGA CONTRA DIABETES 2

Anvisa aprova medicamento para Diabetes Tipo 2; a proteção cardiovascular é destaque do tratamento. Idosos com esse tipo de diabetes têm risco de 3 a 4 vezes maior de ter complicações cardiovasculares.

Alternativa terapêutica para diabetes tipo 2 é aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Em testes que avaliaram sua segurança clínica, o Ozempic (semaglutida) apresentou eficácia na redução da hemoglobina glicada (HbA1c), do peso e das complicações cardiovasculares. O medicamento consiste em produto biológico com solução injetável e aplicação semanal.

Indicado para tratar adulto, cujo diabetes esteja insuficientemente controlado, pertence aos agonistas do receptor do GLP-1, que contam com importantes benefícios à saúde do paciente, como adianta Freddy Goldberg Eliaschewitz, assessor científico da Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD). “Além de diminuir rapidamente a glicemia e a hemoglobina glicada, reduz pressão arterial, triglicérides e a perda de proteína pelo rim”. O especialista participou do ensaio duplo-cego de 104 semanas, o Sustain 6, que randomizou 3.297 pessoas com diabetes tipo 2 e elevado risco cardiovascular, para avaliação da segurança do Ozempic. Dentre os resultados, destacam-se as reduções nas ocorrências de acidente vascular cerebral (AVC) e infarto do miocárdio (IAM), ambos não fatais: 39% e 26%, respectivamente. “Analisando o estudo ao qual o Ozempic foi submetido, concluímos que ele, além de ser seguro, é benéfico ao paciente. Quem é tratado com essa droga tem uma redução de 26% na taxa de desfecho combinado por morte cardiovascular, IAM e AVC – atualmente, este representa a alternativa mais potente neste sentido dentro da classe dos agonistas do receptor de GLP-1”, atestou Eliaschewitz.

Membro do Departamento de Doenças Cardiovasculares da SBD, a médica Rosângela Réa participou como investigadora do ensaio e classificou o resultado como excelente. “O medicamento confirmou as reduções expressivas de hemoglobina glicada e peso já demonstrada em estudos anteriores, e no curto



Freddy Goldberg Eliaschewitz, assessor científico da Sociedade Brasileira de Diabetes, fala sobre o novo medicamento.

período de pouco mais de dois anos demonstrou benefício cardiovascular”, reforça.

Esse benefício é o principal destaque do Ozempic, sobretudo considerando que, de acordo com a International Diabetes Federation (IDF), idosos com diabetes tipo 2 têm risco de 3 a 4 vezes maior de morrer em decorrência de doenças cardiovasculares.

Ainda, a American Diabetes Association estima que, na população entre 51 e 69 anos, o diabetes está ligado a 1/3 dos casos de AVC e 1/4 das doenças coronarianas. Rosângela Réa comentou ainda que houve um desequilíbrio nos eventos de retinopatia diabética no Sustain 6 em indivíduos que tinham história de retinopatia diabética, atribuída à rápida e importante melhora no controle do diabetes. “O Sustain 6 trouxe

novamente à baila a discussão sobre a redução rápida de hemoglobina glicada, a qual estaria potencialmente contraindicada em pacientes com esta condição préexistente”.

A retinopatia é uma das complicações mais comuns, presente em mais de 90% das pessoas com diabetes tipo 1 e 60% daqueles com tipo 2, que tenham a doença há mais de 20 anos. Filiada à International Diabetes Federation (IDF), a Sociedade Brasileira de Diabetes é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada em 1970, que trabalha para disseminar conhecimento técnico-científico sobre prevenção e tratamento da doença. ///RS Press

Coturno Selten Adventure Para Trilha em Couro do Tamanho 34 Ao 44



PASSOS LEVES E CONFORTÁVEIS MÁXIMO PRAZER AO CAMINHAR, VOCÊ ESTÁ PRESTES A ADQUIRIR UM PRODUTO COM GARANTIA DE EXTREMA QUALIDADE POR

R\$ 139.90
ou em até 12 x no cartão

Incluso: Garantia de troca contra defeitos de fabricação por 30 dias após receber o produto.
Incluso: Garantia de satisfação 30 dias, satisfação garantida ou seu dinheiro de volta
Incluso: Seguro contra Furtos ou extravios de mercadoria, entrega rápida e garantida.

Comprar



PROFESSORA DE HARVARD INFLAMA DEBATE SOBRE O ÓLEO DE COCO: “VENENO PURO”

Epidemiologista fala sobre os mitos sobre as supostas propriedades benéficas de alguns alimentos

Por Francesco Rodella - Sara González Boutriau

Atração por produtos alimentícios alternativos, especialmente se for promovida por celebridades do cinema ou do esporte, pode se tornar uma autêntica moda. Foi o que aconteceu com o óleo de coco, cada vez mais procurado por quem tem interesse em uma alimentação saudável. Na rede, circulam informações de todo tipo sobre os supostos benefícios múltiplos desse óleo para a saúde, também usado como cosmético. A epidemiologista Karin Michels, da Harvard T. H. Chan Harvard School of Public Health, sufocou o entusiasmo e inflamou o debate sobre suas características. Em uma conferência que deu em uma universidade alemã, vista até agora mais de um milhão de vezes no Youtube, a professora definiu o óleo de coco como “veneno puro” e disse que é “um dos piores alimentos que se pode usar”. Ela também criticou outros alimentos da moda, como sementes de chia ou açaí.

No site da marca espanhola La Masía, que vende óleo de coco, se afirma, entre outras coisas, que o produto favorece a perda de peso, aumenta as defesas imunológicas e acelera o metabolismo. Informações como essas são facilmente encontradas em muitas outras páginas da Internet. Além disso, diferentes meios de comunicação divulgaram dietas com óleo de coco de estrelas de cinema como Gwyneth Paltrow, Angelina Jolie e Jennifer Aniston. “Tem cada história relacionada com o óleo de coco”, disse Michels na conferência realizada em julho passado na Universidade de Freiburg. “Mas tudo isso é falso”, acrescentou. A professora incluiu o óleo de coco na categoria dos *superalimentos*, produtos que supostamente geram múltiplos impactos positivos para a saúde e, assim, tornam-se uma moda.

“Não existe estudo algum em humanos que mostre que tenha um efeito positivo”, explicou Michels na conferência. “É mais perigoso do que a manteiga, pois contém 92% de ácidos graxos saturados e quase não tem ácidos graxos essenciais”, acrescentou. As gordu-

ras saturadas bloqueiam as artérias que vão para o coração e podem levar à “morte cardíaca”, afirmou, insistindo que “quanto mais óleo de coco [é consumido], mais as artérias são bloqueadas e maior é o risco de ataque cardíaco”.

Michels criticou que nos últimos anos as lojas de produtos orgânicos tenham ficado cheias de produtos com esse tipo de óleo. “Infelizmente, brincam com isso. Não sei se é por ignorância ou se é uma questão de lucro”, disse. A epidemiologista explicou que a publicidade em torno desse produto funcionou muito bem e que muitos livros foram escritos sobre o assunto, mas que “a maioria deles não tem dados confiáveis”. Michels também criticou o fato de que se gaste dinheiro para adicionar à dieta nutrientes como sementes de chia, açaí ou chá de matcha, que teriam supostas propriedades especiais.

“Deve-se notar que o óleo de coco contém fundamentalmente ácidos graxos saturados”, diz a este jornal a especialista da Universidade de Navarra Estefanía Toledo. “Embora o óleo de coco possa aumentar o colesterol HDL (o colesterol “bom”), esse aumento não compensa o aumento do colesterol LDL (o colesterol “ruim”) e óleo de coco pode ter, portanto, um efeito prejudicial na saúde cardiovascular se for consumido regularmente”, argumenta a pesquisadora. Toledo se refere a um estudo feito pela American Heart Association, também citado por Michels em sua conferência, que recomenda substituir as gorduras saturadas por gorduras mono ou poli-insaturadas, encontradas em alimentos como nozes, peixes ou abacate.

Perigos relacionados com mitos sobre os “superalimentos”

O nutricionista Julio Basulto, professor da Universidade de Vic, compartilha com Michels a ideia de que não há “evidências dos supostos benefícios para a saúde que muitos enganadores atribuem ao óleo de coco”. O alto teor de gorduras saturadas desse óleo “faz suspeitar que possa ser prejudicial à saúde”, explica,

embora relativize dizendo que tampouco há certeza sobre isso “porque não há estudos suficientes”. Diante da dúvida, “por princípio de precaução”, Basulto considera que é melhor optar pelo uso de produtos que não geram impacto negativo à saúde, como azeite de oliva ou óleo de girassol.

Por outro lado, Basulto acredita que dizer que o óleo de coco é “veneno puro” é um exagero. Em sua opinião, não está cientificamente demonstrado que o produto é tóxico e, por conta dessas declarações, aqueles que o consideram benéfico podem aproveitar a oportunidade para acusar os cientistas de mentirosos e assim reforçar sua posição. “Sem perceber [Michels] está dando credibilidade aos charlatães”, diz.

O nutricionista acredita que existe uma indústria disposta a criar falsos mitos por meio do marketing em relação a determinados alimentos. Também considera que existem profissionais de saúde “pouco informados” e que, em geral, há muita gente que procura soluções rápidas para problemas complexos, como manter um bom estado de saúde. “Estamos pouco dispostos a mudar os hábitos. Queremos a receita mágica. Se alguém nos der, nós compramos”, reflete.

Outro perigo potencial da disseminação de mitos sobre produtos como o óleo de coco é que pode ser gerado o chamado “efeito halo”, ou “talismanã”, diz Basulto. Esse efeito produz uma “falsa sensação de segurança” que faz com que o estilo de vida piore, explica. Também há pessoas doentes que abandonam “tratamentos de eficiência comprovada” por causa das falsas crenças que cercam os *superalimentos*, adverte o especialista. Em sua intervenção na Universidade de Freiburg, Michels argumentou que uma alimentação correta faz com que os *superalimentos* não sejam necessários. Em sua opinião, há bons alimentos “de casa” nos mercados, que são suficientes para se alimentar de maneira saudável.



Evo Morales inaugura palácio presidencial de R\$ 160 milhões

A nova sede do governo, denominada "A Casa Grande do Povo", tem 29 andares

Com música indígena produzida por instrumentos de sopro e rituais da etnia aymará em homenagem a Pachamama — a deusa mãe-Terra das antigas civilizações andinas —, o presidente da Bolívia, Evo Morales, encerrou as atividades do Palácio Quemado, que foi aposentado depois de ter sido durante mais de um século e meio a sede da Presidência da República. Simultaneamente, Morales inaugurou o novo palácio presidencial, denominado "A Casa Grande do Povo", de estilo moderno. A anterior sede do Poder Executivo — que no século XIX foi queimado duas vezes em rebeliões da população, fato que lhe valeu o nome peculiar — era detestada por Morales. Não à toa, o novo prédio dá as costas ao velho palácio.

A construção da nova sede presidencial, de 29 andares de altura, levou quatro anos. Conta com sete elevadores e heliporto. No 23º andar está o escritório presidencial. No 24º andar está a suíte para o presidente, de 1.068 metros quadrados. O gasto oficial da construção foi de US\$ 34,4 milhões, mas a oposição afirma que passou dos US\$ 40 milhões — cerca de R\$ 160 milhões. Morales defendeu o gasto: "A Casa Grande do Povo é uma necessidade. E uma necessidade não é um luxo!". A suíte presidencial necessária dispõe de sauna, hidromassagem, academia de ginástica e sala de leitura.

A oposição reclamou dos luxos na sede do Poder Executivo. Morales também deu outro argumento para construir um palácio presidencial novo: "O anterior era um palácio dos tempos colonialistas". Na realidade, o palácio antigo, o Quemado, é de 1853, quando os bolivianos já acumulavam 28 anos de independência, pois encerraram o

domínio colonial espanhol em 1825. O novo, em estilo moderno, foi criticado pelo tamanho e pela aparência: seria um "intruso" estilístico no meio do centro colonial de La Paz.

Dias antes da inauguração do novo palácio, Morales bateu o recorde de presidente boliviano com mais tempo no poder, ao chegar aos 12 anos, seis meses e 23 dias no cargo, ultrapassando por um dia a marca de permanência não contínua no poder de Víctor Paz Estenssoro, que foi presidente em quatro mandatos separados (1952-1956, 1960-1964, de 6 de agosto a 4 de novembro de 1964 e 1985-1989). Morales, em 2016, já havia ultrapassado o recorde de permanência contínua no poder, até aquele ano pertencente ao marechal Andrés de Santa Cruz, que havia estado uma década no comando da Bolívia (1829-1839).

Ao longo destes anos no comando do país, além da construção do novo palácio, Morales implementou medidas *sui generis* para se diferenciar do passado. Esse foi o caso quando, em junho de 2014, o relógio da cúpula do Palácio Legislativo em La Paz começou a girar em sentido anti-horário, isto é, para a esquerda. Na sequência, os pedestres perceberam que os números do quadrante também haviam sido invertidos — o 11 ocupando o lugar da 1 hora, o 10 no lugar das 2 horas, e assim por diante.

Na ocasião, o vice-presidente Álvaro García Linera explicou a decisão ressaltando que os relógios dos "colonizadores" seguiam o mesmo sentido da sombra do sol nos relógios solares, tal como é no Hemisfério Norte. "Durante séculos tivemos de fazer as coisas como fazem no norte. A mudança no relógio ajuda a mostrar de forma diferente e

abre a mente!", exclamou.

A permanência de Morales no poder é algo raro na história da Bolívia. Nos 193 anos de independência, o país teve 85 presidentes, o equivalente a um presidente a cada dois anos e três meses. Em quatro ocasiões, o país teve períodos — de cinco a 23 dias, dependendo dos casos — nos quais nenhum presidente esteve no comando.

A mudança da Carta Magna foi outra constante da Bolívia. Desde a independência, o país teve um total de 16 Constituições nacionais, além de cinco pequenas reformas adicionais às Cartas Magnas para adequar-se aos chiques dos presidentes de plantão. Além das reformas, os presidentes eventualmente recorreram à via judiciária para driblar as Constituições.

Como presidente da República, segundo a Carta Magna, Morales tem prazo de validade até o dia 22 de janeiro de 2020. Ele quer esticar sua permanência no poder, no entanto, até 2025.

Se as eleições fossem hoje, segundo uma pesquisa da consultoria Mercados y Muestras, Morales teria somente 27% dos votos. Em seus calcanhares aparece o ex-presidente Carlos Mesa (2003-2005), seu opositor. Na hipótese de um segundo turno, Mesa teria 48% e Morales ficaria com 32%. Morales está tentando inabilitar Mesa na Justiça. Ele acusa seu potencial rival de ter expulsado "ilegalmente" uma empresa chilena de mineração durante seu breve governo.

Por Ariel Palácios
Fonte: Época

 SELTEN®



**Tênis Masculino Cano Alto
Com Solado Anatômico
do Tamanho 38 ao 43**

Sapatenis cano alto casual Selten original, solado em borracha para maior conforto e durabilidade com garantia exclusiva Selten. Produzido com materiais nobres e design que proporciona muito mais conforto e durabilidade

R\$ 114.90
ou em até 12x no cartão

[Confira](#)

Intercâmbio para Farmacêuticos em Portugal e na Espanha

Disponível para profissionais e estudantes

Escola de Inverno de Farmácia 2019

Farmácia Clínica com Foco na Segurança e na Qualidade

4ª Edição



Porto e Santiago de Compostela

18 a 27 de março



Inscrições: geraldoribeiro.idehia@gmail.com

Organização:



Instituto de Desenvolvimento Humano Integral Aplicado

Patrocínio:

Future 4 U

Parcerias



Brasil está entre países com a maior fuga de milionários

Mariana Durão - BBC News Brasil

Dois mil milionários brasileiros fizeram as malas e deixaram o país com suas fortunas em 2017, segundo dados da empresa global de pesquisa de mercado New World Wealth. Pelo terceiro ano consecutivo, o Brasil ficou no top 10 de países com maior fuga de indivíduos donos de US\$ 1 milhão ou mais em ativos, somando 12 mil "emigrantes classe A" desde 2015.

O ranking faz parte do Global Wealth Report Review 2018, produzido pela consultoria com o apoio do AfrAsia Bank e com dados referentes ao ano anterior. Sediada em Johannesburgo, na África do Sul, a empresa vem rastreando o movimento da riqueza no mundo desde 2013.

O relatório alerta que a perda de milionários normalmente é "um péssimo sinal" e "geralmente revela sérios problemas em um país". Se a saída de dinheiro é o primeiro sintoma de que algo não vai bem na economia e na política de um país, a emigração efetiva de indivíduos HNMWI (high net worth individuals, sigla em inglês para quem tem mais de US\$ 1 milhão) é visto como sintoma de grave crise.

Pelos dados compilados no último relatório da New World Wealth o Brasil ficou em sétimo lugar no ranking de fluxo de saída de fortunas em 2017. A lista foi liderada pela China (10 mil milionários), seguida por Índia, Turquia, Reino Unido, França e Rússia. Em grave crise, a Venezuela perdeu 1 mil milionários - que viram sua riqueza privada se retrain 48% de 2007 a 2017, pelas contas da consultoria.

Portugal é destino mais procurado

São Paulo figurou entre as sete cidades globais com maior índice de ricos "em fuga", acompanhada de Istambul, Jacarta, Lagos, Nigéria, Londres, Moscou e Paris. No caso dos milionários brasileiros, os novos destinos escolhidos são principalmente Portugal, Estados Unidos e Espanha. Dados do Banco Central mostram que os dois primeiros responderam por 51% do investimento recorde de brasileiros em imóveis no exterior em 2017, somando US\$ 3,2 bilhões.

Outro sinal desse movimento foi o aumento, nos últimos quatro anos, segundo Raul Shalders, sócio-diretor da Jobin Planejamento Financeiro, da demanda de clientes milionários por assessoria para concretizar a mudança de país. Segundo Shalders, a primeira leva tinha como foco os Estados



Pelo terceiro ano consecutivo o Brasil ficou no top 10 de países com maior fuga de indivíduos donos de US\$ 1 milhão ou mais em ativos

Unidos, mas, a partir de 2016, Portugal passou a ser o destino mais procurado.

Os relatos dos clientes apontam várias causas para o exílio voluntário. "Primeiro, é uma tendência de um mundo globalizado onde você tem mais acesso à informação", diz Shalders.

"Na outra ponta é uma fuga, tendo em vista o cenário político e econômico que a gente vive e viveu nos últimos quatro anos. Finalmente, há a deterioração da segurança pública no Rio e também em São Paulo, principalmente após as Olimpíadas. As pessoas estão com medo da violência e buscando mais qualidade de vida no exterior."

Independentemente do corte por renda, dados da Receita Federal mostram que a mudança de brasileiros para outros países se intensificou significativamente a partir de 2014, quando teve início o último ciclo de recessão. Um total de 69.174 declarações de saída definitiva do País foram entregues de 2014 a 2017. Em 2013, último ano antes do agravamento da crise econômica, foram 9.887 declarações.

Desde então, a cifra não parou de crescer anualmente, atingindo 21.701 declarações em 2017. Entretanto, o número de brasileiros que foram viver no exterior é provavelmente maior, já que nem todos informam essa saída ao governo.

De acordo com o Global Wealth Report Review 2018, a movimentação da riqueza pelo mundo está se acelerando. Aproximadamente 95 mil milionários

os migraram no mundo em 2017, contra 82 mil em 2016 e 64 mil em 2015.

Essa movimentação, ao contrário do que ocorre com a de refugiados ou migrantes por razões políticas ou econômicas, não encontra obstáculos.

Muito pelo contrário. Os milionários globais estão livres para ir e vir mesmo nos Estados Unidos "tolerância zero" de Donald Trump. O país que chegou a separar famílias de imigrantes ilegais este ano foi o segundo destino mais popular entre imigrantes abastados, recebendo 9 mil milionários em 2017.

Ficou atrás apenas da Austrália (10 mil), que leva vantagem por ser uma base mais próxima para negócios com países asiáticos, ter uma taxa de herança mais baixa e ser um país muito seguro.

Medo de violência

O empresário do mercado financeiro Cesar Braga trocou o Rio de Janeiro por Miami no final de 2015, motivado pelo agravamento da instabilidade político-econômica após a reeleição de Dilma Rousseff (PT). Casado com uma americana, mãe de suas duas filhas, ele conta que a mudança para os Estados Unidos sempre fora um plano B.

A escalada da violência na capital fluminense também pesou na decisão de levá-lo adiante. "Como atuava no mercado financeiro, percebi que a situação ia ficar caótica nos próximos anos. Mais da metade dos nossos amigos saíram do Brasil", conta.

Braga acredita que, financeiramente, ainda compensa morar no Brasil, um país mais barato e flexível do ponto de vista do planejamento tributário do que a América de Trump. A vida nos Estados Unidos também é menos confortável - já que lá não é tão comum ver milionários cercados de empregados. A despeito disso, ele não tem planos de fazer o caminho de volta.

"Adoro passar férias no Rio, mas hoje não vejo a menor perspectiva de voltar. Ao contrário do cara que vem na raça (aos EUA) ser entregador de pizza para mandar dinheiro pra casa, na atual emigração, estão vindo empresários com recursos trazendo suas famílias. Depois que você se estabelece fica difícil voltar", diz.



Estados Unidos estão entre os destinos mais escolhidos pelos emigrantes brasileiros

Continua...

Investimento de US\$ 500 mil

A New World Wealth destaca que o argumento - geralmente usado por críticos à chegada de um grande número de estrangeiros - de que os imigrantes estariam sobrecarregando os serviços públicos e roubando empregos não se aplica aos milionários e bilionários, que dificilmente recorrem ao setor público em busca de saúde e educação ou concorrem aos empregos locais mais disputados.

Segundo a entidade, o único possível ponto negativo de abrigar esse tipo de imigrante seria a possibilidade deles inflacionarem os preços dos imóveis.

Mas dinheiro é sempre bem-vindo, e não é à toa que vários países europeus, por exemplo, oferecem até passaportes a pessoas que investem na economia local ou compram imóveis de alto valor.

Os Estados Unidos facilitam o estabelecimento legal do novo cidadão rico no país. O mecanismo mais comum - e diretamente ligado à capacidade de investimento do candidato - é o visto EB-5, que concede o green card em troca de um investimento mínimo de US\$ 500 mil (cerca de R\$ 2 milhões) em uma empresa, desde que gere empregos para trabalhadores americanos.

Em Portugal, há grande procura pelo visto de residência gold, concedido a quem investe ao menos 500 mil euros em imóveis em terras lusitanas. De 2015 para 2017, o valor investido por brasileiros em imóveis no país europeu praticamente dobrou, chegando a US\$ 1,07 bilhão, e saindo de 10% para 17% do investimento de nacionais em imóveis no exterior. Os dados são do Banco Central.

Mas essas transações - ou mesmo a "venda" de nacionalidade ou do direito de residência - come-



De 2015 para 2017, o valor investido por brasileiros em imóveis em Portugal praticamente dobrou, chegando a US\$ 1,07 bilhão

çam a ser reavaliadas. No caso de Portugal, o Parlamento deve votar em setembro a eliminação do gold por conta de suspeitas de seu uso para corrupção e lavagem de dinheiro. Já nos Estados Unidos, há pressões de críticos por uma reforma, com aumento dos valores mínimos de investimento para a concessão do EB-5.

Apesar de permanecer entre os dez mais em evasão de fortunas, o quadro do Brasil em 2017 foi menos agudo. Os dois mil milionários que cruzaram a fronteira tupiniquim para morar fora representaram 1% do total de 162,5 mil que a

New World Health estimava viverem no país.

Em 2016, ano do impeachment da ex-presidente Dilma, 8 mil foram embora. Naquele período, a desaceleração da economia, o vírus Zika e as crescentes taxas de criminalidade brasileiras foram apontados pelo relatório como catalisadores do movimento.

Não havia previsão de melhora do quadro. Agora, o resultado das eleições presidenciais de outubro deverá ser uma variável determinante para a tendência dessa curva migratória.



QUER MORAR, EMPREENDER OU ESTUDAR EM PORTUGAL? PROCURE-NOS!

ATENDIMENTO EM LISBOA E NO PORTO

- Abertura de Conta Bancária
- Abertura de empresas
- Apoio na selecção de Escola e matrícula
- Apostilhamento de Documentos
- Assessoria na obtenção de Visto de Residência em Portugal
- Autenticação de documentos e reconhecimento de assinaturas
- Contrato água, luz, gás e internet
- Elaboração de Estratégia Migratória
- Inscrição na Segurança Social
- Nacionalidade
- Obtenção de documentação junto de entidades publicas
- Obtenção de NIF (Número de Identificação Fiscal)
- Processo de inscrição em ordens profissionais
- Processo de matrícula em Faculdade (curso superior ou mestrado)
- Processos de equivalência de estudos
- Prorrogação da Autorização de Residência
- Prorrogação do Visto
- Reagrupamento familiar
- Representação em reuniões do condomínio
- Representação perante diversos organismos estatais e privados
- Serviços de tradução

Somente WhatsApp



27 99996-8666

Geraldo Ribeiro

geraldoribeirocj@gmail.com

Tel.: Portugal

00 351 963 798 888



Smyllum Park funcionou entre 1864 e 1981 como um orfanato controlado pela ordem das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo

“Nos faziam comer vômito”

As denúncias de abusos cometidos em orfanato por freiras na Escócia

A polícia anunciou na última quinta-feira a prisão de 12 pessoas, entre elas 11 mulheres, algumas delas **freiras**, e 1 homem com idades entre 62 e 85 anos, como parte de uma investigação sobre **"abusos físicos e sexuais sistemáticos" de crianças** que teriam sido cometidos na instituição. Outras quatro pessoas ainda devem ser denunciadas.

Localizado em Lanark, uma pequena cidade da região central do país, Smyllum Park ficou conhecido como o "orfanato fantasma" após fechar as portas, depois de mais de um século comandado pela ordem das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo.

A polícia disse que não divulgará mais detalhes sobre as identidades dos acusados e os crimes enquanto não houver uma decisão final dos promotores à frente do caso.

"As investigações continuam, seria inapropriado fazer mais comentários", diz um comunicado.

'Tenho 50 anos e ainda sinto medo', diz ex-moradora do orfanato

A britânica Marie Peachey viveu junto com seu irmão mais velho, Samuel, e a irmã mais nova, Brenda, no Smyllum quando era criança. Ela contou à BBC ter ficado "chocada, assustada, enjoada... e feliz" ao saber das prisões.

"São todas as emoções numa só", afirmou ela, que diz que nunca se esquecerá do que viveu no orfanato.

"Algo bobo pode ser o gatilho que me faz voltar para o Smyllum, a ser uma menininha assustada. Tenho 50 anos hoje, e ainda sinto medo."

Os testemunhos prestados no ano passado como



Marie Peachey diz que nunca se esquecerá do que viveu no orfanato com seus irmãos

parte das investigações fizeram com que a irmã Ellen Flynn, que está atualmente à frente da ordem no Reino Unido, pedisse desculpas publicamente.

A religiosa classificou como "horripilantes" os relatos e declarou que os fatos vão "totalmente contra" ao que a ordem representa.

Segundo o jornal britânico The Scottish Daily Mail, a polícia começou a investigar também as Irmãs de Nazaré, outra ordem católica que administrava lares para crianças.

Os processos ocorrem em meio à visita do papa Francisco neste fim de semana à Irlanda, onde ele se encontrou com vítimas de abusos cometidos por padres quando eram crianças.

Em sua primeira passagem pelo país em 39 anos, Francisco disse ter ficado envergonhado pelo fracasso da Igreja em lidar adequadamente com **"crimes repugnantes"**.

Uma investigação no Estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos, revelou que mais de 1 mil menores foram abusados por 300 padres e que os casos foram ocultados pela Igreja.

Ao menos 400 crianças foram enterradas em cova clandestina

Mais de 11,6 mil crianças passaram pelo Smyllum Park desde sua abertura em 1864 até ele ser fechado 117 anos depois. Algumas eram órfãs, enquanto outras vinham de famílias que não tinham condições de sustentá-las.

Há anos, a Comissão de Investigação de Abuso Infantil (SCAI, na sigla em inglês) da Escócia analisa denúncias sobre os abusos que teriam sido cometidos neste local.

O órgão diz que a maioria das pessoas que testemunharam garante que, enquanto viveram ali, foram agredidas frequentemente, submetidas a castigos, algumas afirmam terem sido vítimas de abusos sexuais por pessoas responsáveis por cuidar delas.

Gregor Rolfe, advogado das Filhas da Caridade, reconheceu no ano passado perante a SCAI que um ex-funcionário pode ter abusado sexualmente de menores e, ainda que denúncias tenham sido feitas às freiras, elas nunca chegaram à polícia.

Alguns testemunhos dão conta que um grande número de crianças teriam morrido no orfanato, mas a forma exata como essas mortes se deram e onde foram enterrados os corpos é algo que ficou desconhecido por anos.

Em 2003, um dos sobreviventes do orfanato encontrou uma cova clandestina em um terreno próximo onde, segundo uma investigação da BBC, foram enterradas ao menos 400 crianças.

'Comi grama porque sentia fome', disse testemunha

Ainda que a maioria dos que viveram no orfanato já tenham morrido, as denúncias do processo estão sendo levadas adiante por aqueles que estão vivos.

No fim de 2017, a SCAI revelou alguns dos testemunhos das pessoas que teriam sido vítimas de abusos e contaram as experiências que tiveram no Smyllum Park.

Uma destas pessoas afirmou que as freiras a agrediam e a deixavam presa e que em uma ocasião chegaram a enfiar sua cabeça em uma privada. "Estava histérico, porque pensava que iria desaparecer pela privada", contou.

Outra vítima, ao ser interrogada sobre a comida no orfanato, disse que sempre passava fome. "Não me lembro de comida. Lembro de ter comido grama porque tinha fome", disse.

Outra pessoa que diz ter vivido no local desde os 4 anos afirmou ter recebido choques elétricos. Contou que ficou amarrada a uma cama e amordaçada por horas, engasgando com um travesseiro e engolindo vômito.

Theresa Tolmie-McGrane, que se apresenta como uma das vítimas, contou à BBC que chegou aos 6 anos ao orfanato e que viveu ali "mais de uma década de abuso físico, sexual e mental".

"Todas as crianças foram agredidas, castigadas, trancadas em quartos escuros. Nos faziam comer nosso próprio vômito. Diria que muitos de nós tivemos a boca lavada com sabão", afirmou.

Após quase três anos de investigações, a SCAI planeja divulgar um relatório preliminar sobre os abusos nas próximas semanas e uma decisão final em 2019.

Documento do carro chega ao celular até o fim do ano

Ministério das Cidades apresentou ontem versão digital que substitui a carteira convencional e pode ser compartilhada com outros motoristas que utilizam o veículo. Modelo já vale no Distrito Federal e prazo para que Detran.SP disponibilize no estado é dez

O Ministério das Cidades lançou oficialmente ontem a versão digital do CRLV (Certificado de Registro e Licenciamento de Veículo), que estará disponível em um novo aplicativo desenvolvido pelo governo federal, a Carteira Digital de Trânsito.

O documento virtual, chamado de CRLVe, já está em funcionamento no Distrito Federal e deverá ser disponibilizado pelos órgãos estaduais de trânsito de todo o país até o fim do ano.

O Detran.SP afirmou “que analisa os procedimentos necessários para implementar a resolução dentro do prazo exigido” e que “o licenciamento digital não terá custos adicionais para o cidadão”.

Na prática, o motorista ganha mais conforto com a opção virtual do licenciamento, que pode substituir a versão impressa do documento e ser compartilhada com outros motoristas que utilizam o mesmo veículo.

Assim como a CNH Digital, disponível desde o começo do ano em todo o país, o CRLVe vai poder ser acessado por meio de um aplicativo. O documento virtual virá com um QR Code, espécie de assinatura digital, que vai garantir autenticidade no caso de uma abordagem de trânsito.

Os dois documentos, CNH e CRLV, ficarão reunidos em um só app: a Carteira Digital, disponível para download gratuitamente na App Store ou na Google Play. Quem já possui o antigo software, CNH Digital, não precisa baixar o novo – a atualização será automática. Quem ainda não usufruiu de nenhum dos dois serviços, precisa fazer o download.

Como fazer?



Ao contrário da CNH Digital, na qual o condutor precisa solicitar a via impressa da habilitação com QR Code antes de migrar para a versão digital, a obtenção do CRLV digital é mais simples.

Basta acessar o aplicativo e fornecer o número do Renavam do veículo e o código de segurança impresso no Certificado de Registro de Veículo – CRV (antigo DUT).

Para obter o serviço, contudo, o motorista precisa estar em dia com os débitos do veículo, tendo pago o

licenciamento anual e eventuais multas de trânsito.

Progresso lento

Com a Carteira Digital de Trânsito, o governo espera modernizar o setor. A iniciativa, contudo, caminha a passos lentos. No caso da CNH Digital, por exemplo, que já é oferecida em todos os estados, apenas 0,53% dos condutores utilizam a tecnologia.

Max Memory



TENHA TOTAL CONTROLE DO SEU RACIOCÍNIO

Max Memory deixa o seu cérebro livre do estresse, do cansaço mental e potencializa a produção de neurotransmissores, turbinando sua concentração foco e memória.

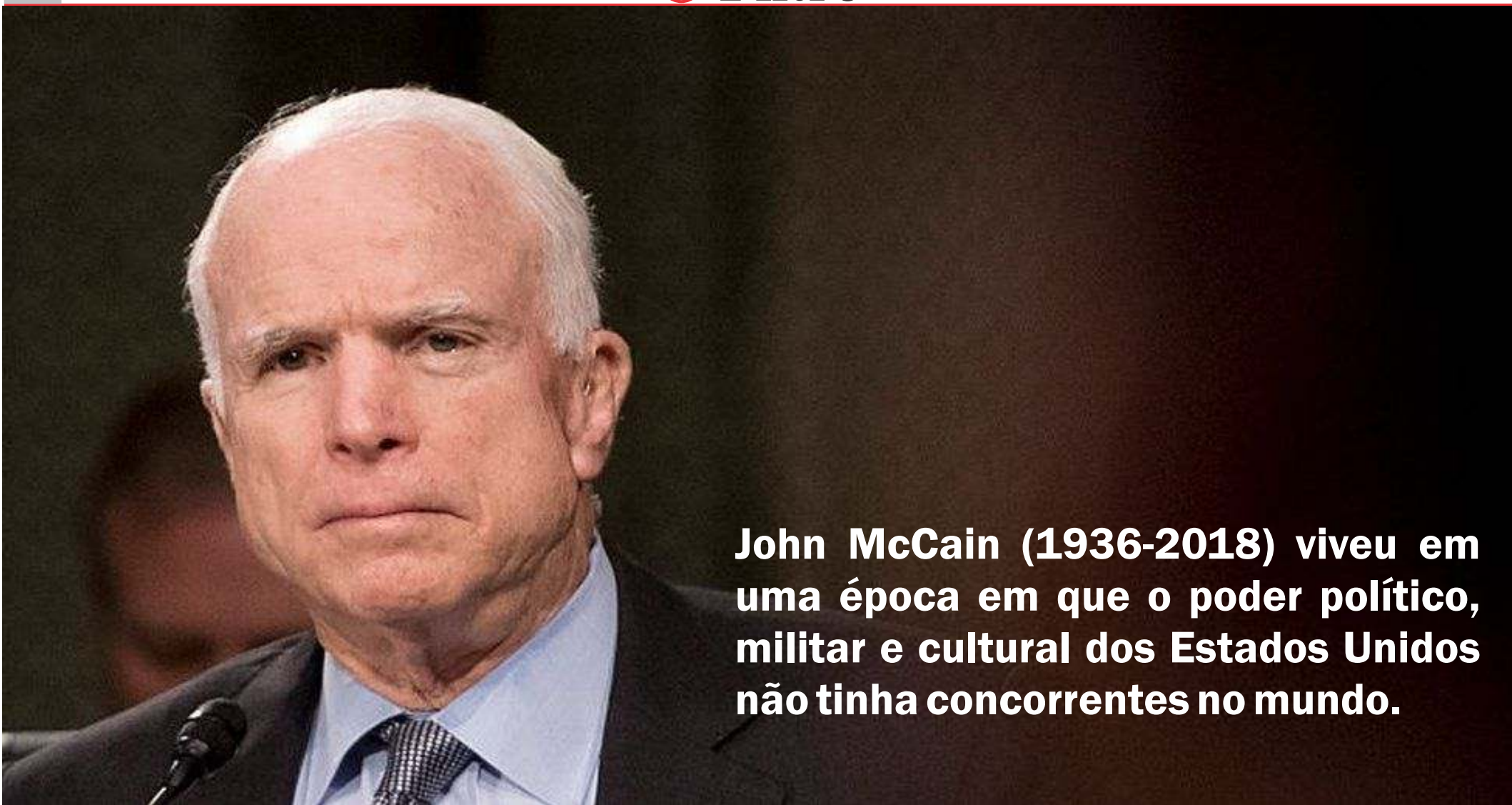
COM MAX MEMORY

Utilizando o suplemento vitamínico Max Memory você sentirá os resultados nos primeiros dias. Além do foco e do maior poder de memória, você terá muita energia para absorver informações e formular projeto

SEM MAX MEMORY

Quem não faz uso do suplemento Max Memory está sujeito a redução do desempenho cerebral, capacidade cognitiva e do poder de acessar memórias, sejam elas afetivas quanto para o desempenho profissional.

Saiba mais



John McCain (1936-2018) viveu em uma época em que o poder político, militar e cultural dos Estados Unidos não tinha concorrentes no mundo.

O BRUTAL CATIVEIRO DE JOHN MCCAIN

O senador republicano, que morreu no dia 25 de agosto, nasceu poucos anos antes da 2ª Guerra Mundial e chegou à idade adulta no alvorecer dos Estados Unidos como uma superpotência global.

"Agora (o país) caminha para o que é, talvez, o entardecer de sua hegemonia, quando a nação se volta para dentro, preocupada com os potenciais riscos e desafios da imigração, do multilateralismo e da economia global", diz Anthony Zurcher, correspondente da BBC News em Washington.

De certa forma, a vida de McCain, que morreu em decorrência de um tumor cerebral, refletiu a história dos Estados Unidos no século 20, analisa Zurcher.

Um exemplo disso foi quando ele lutou na Guerra do Vietnã, onde foi mantido em cativeiro por mais de cinco anos.

O jovem McCain tinha fama de rebelde e era popular com as mulheres

Seu pai e avô foram almirantes da Marinha dos EUA. Seguindo seus passos, McCain se alistou na Academia Naval.

Durante o período de formação, no entanto, ele ganhou fama de rebelde. Seus amigos também o chamavam de "John Wayne" McCain, por sua atitude e popularidade com as mulheres.

Além disso, ele acumulou deméritos enquanto outros colecionavam reconhecimentos e se formou entre os últimos de sua turma.

Frank Gamboa, um de seus companheiros, lembra que, em algumas ocasiões, McCain usava o sobrenome da família para se proteger.

Certa vez, por exemplo, ele repreendeu um superior por humilhar um mordomo filipino durante um jantar. O superior perguntou o nome dele e, ao ouvir "John S. McCain III", tratou de ir embora.

A "decisão corajosa" de recusar a liberdade

Quando lutou na Guerra do Vietnã, McCain também poderia ter usado seu sobrenome para evitar problemas, mas não o fez.

Um dia, em outubro de 1967, quando sobrevoava Hanói, a capital vietnamita, um míssil derrubou seu avião. Ele acabou fraturando os dois braços, uma perna e sendo capturado pelas tropas inimigas.

Quando seu pai se tornou comandante das forças dos Estados Unidos no Vietnã, pensaram em libertá-lo, como uma tática de propaganda. Mas McCain rejeitou a oferta. Disse que não sairia até que todos os prisioneiros americanos fossem libertados.

"O interrogador disse a McCain que as coisas iam ficar muito feias para ele", diz Gamboa. "E foi aí que começaram a torturá-lo. Foi uma decisão corajosa rejeitar a liberdade pelo bem de seus companheiros."

McCain passou anos em confinamento solitário e sofreu torturas brutais. No entanto, ele nunca buscou ou recebeu tratamento especial por sua ascendência e passou cinco anos como prisioneiro.

Finalmente, então, ele cedeu e assinou uma "confissão" de ter cometido crimes de guerra. E, quando enfim deixou o Vietnã, ele o fez com seus companheiros de prisão.

"Ele nunca se recuperou totalmente"

A imagem de sua libertação, em 14 de março de 1973, é chocante, diz Zurcher. "Um McCain com aspecto muito abatido, com 36 anos, vestido com roupas amarrotadas, caminhando com outros prisioneiros de guerra para um avião militar americano".

A prisão no Vietnã o havia envelhecido. Ele havia chegado ao país com cabelos escuros e, quando saiu, eles estavam grisalhos.

Ele mancava como resultado dos ferimentos que sofreu quando seu avião foi abatido e da tortura a que foi submetido.

Nas boas vindas que recebeu da Casa Branca, com o então presidente Richard Nixon (1913-1994), McCain chegou andando de muletas.

Ele permaneceu no Exército durante oito anos após seu retorno aos Estados Unidos. "Ele nunca se recuperou totalmente de suas feridas", diz Zurcher.

O mancar desapareceu quase por completo, mas ele não conseguiu mais erguer os braços acima da cabeça pelo resto de sua vida.

O consultor político Mark McKinnon, que assessorou McCain durante sua campanha presidencial de 2008, conta como uma vez teve que ajudar o candidato a pentear os cabelos enquanto se preparava para um evento público em New Hampshire.

"Foi um momento vulnerável para este soldado orgulhoso", diz McKinnon. "Quando ele foi até a multidão, eu me virei e simplesmente chorei."»

Fonte: BBC Brasil



McCain chegou de muletas às boas-vindas que o presidente Nixon deu aos prisioneiros de guerra do Vietnã, em 1973



O americano voltou ao Vietnã várias vezes após ser libertado, como nesta imagem registrada em 1992

Produção orgânica está em expansão no país

Por Camila Boehm – Agência Brasil

Há várias gerações a agricultura orgânica está presente na rotina da família da paraibana Maria Alves, de 65 anos, uma das coordenadoras de um movimento de produção regional na Grande São Paulo. O exemplo veio da avó que viveu mais de 100 anos e dedicou-se à agricultura.

“Eu vivi sempre na agricultura. Com 7 anos, eu já ajudava meu pai. Em família de agricultores, os filhos já começam muito cedo a trabalhar. Minha avó viveu 101 anos, sempre na agricultura, foi uma mulher que enfrentou muitas coisas, mas ela criou os filhos dela e era uma mulher feliz”, disse Maria Alves.

No ano passado, o setor de orgânicos, incluindo alimentos – *in natura* e industrializados –, cosméticos e têxtil, faturou R\$ 3,5 bilhões apenas no mercado nacional, de acordo com dados do Conselho Brasileiro da Produção Orgânica e Sustentável (Organis). Em 2016, o faturamento foi R\$ 3 bilhões. No primeiro ano do levantamento, em 2010, o setor havia faturado R\$ 500 milhões.

Dados

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, atualmente são 17.075 registros de entidades produtoras de orgânicos no país, das quais cerca de 70% dos produtores são de agricultura familiar.

Em 2013, eram apenas 6.700 registros. O último censo do setor, de 2006, mostra ainda que a agricultura familiar participava com 30% do valor bruto da produção agrícola e agropecuária no Brasil, o que representava em torno de R\$ 12 bilhões, segundo dados do ministério.

Existem dois tipos de certificação para produtores orgânicos. O ministério tem, atualmente, oito certificadoras credenciadas que fazem a fiscalização das propriedades e assumem a responsabilidade pelo uso do selo brasileiro.

Há também os Sistemas Participativos de Garantia (SPG), em que grupos formados por produtores, consumidores, técnicos e pesquisadores se certificam, ou seja, estabelecem procedimentos de verificação das normas de produção orgânica daqueles produtores que compõem o sistema. Tanto as certificadoras quanto os SPG precisam ser credenciados no Ministério da Agricultura.



Qualidade

Para a agricultora Maria Alves, a importância da produção orgânica está em preservar a terra, oferecer alimentação de qualidade à sociedade e cuidar da própria saúde ao não utilizar agrotóxicos e ainda produzir no modelo chamado agroecológico com respeito à biodiversidade e aos ciclos biológicos.

“Isso é segurança alimentar, mas ainda não temos soberania porque a pequena agricultura também precisa de incentivos, de ciência, de técnicas de apoio para podermos ampliar. É bom que todo mundo coma bem, por que não?”, reagiu.

Integrante de uma ação coletiva de produção regional com membros do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Maria Alves defende que o princípio econômico que rege a produção agrícola é o do “lucro ótimo” e, não do “lucro máximo”.

“A pequena agricultura [familiar] tem a diversidade, é normal você ter um pedacinho de terra e ali você ter um

galinheiro, uma criação de pequenos animais, uma horta, um pomar, é diversidade. Você já ouviu falar que pequeno produtor ficou rico plantando? A ideia não é o lucro máximo, a gente tem que pensar no lucro ótimo: eu tiro meu sustento, eu consumo aquilo que eu planto com segurança e o excedente eu comercializo com segurança também porque você vem adquirindo consciência”, disse.

Preço

Maria Alves discorda da supervalorização dos produtos orgânicos em relação ao preço que é comercializado nos supermercados. “O certo não é ter um produto para ganhar muito dinheiro, esse produto vai para as mesas, vamos fazer um preço que as pessoas tenham acesso. Produzir com qualidade, talvez não com quantidade, porque quando você pensa em quantidade você vai explorar ou o homem ou a terra. Não pode ser um projeto de exploração e recursos”, disse.

Entre as montanhas sagradas do Pico da Bandeira e a Pousada do Bezerra, Deus une a natureza e o homem, com o Rosto de Cristo estampado na montanha

- Chalés com frigobar e TV;
- Piscinas naturais, cachoeiras;
- Saunas, salão de jogos;
- Restaurante, Scot Bar;
- Passeios no Pico da Bandeira;
- Passeios no entorno do Parque;
- Passeios de Jeep

www.pousadadobezerra.com.br
gerencia@pousadadobezerra.com.br

Fone: (32) 3747-2628
 Fax: (32) 3747-2538

VENHA CONHECER O PICO DA BANDEIRA

A pousada mais próxima do Parque Nacional do Caparaó, a apenas 500 metros de sua portaria, é a Pousada do Bezerra. Localizada no município de Alto Caparaó, a 1.100 metros de altitude, e com um clima agradável, tipo o europeu. Com um total de 32 Unidades Habitacionais, a Pousada tem capacidade para receber 109 pessoas, mantendo a sua qualidade no serviço.



China avança na eliminação do controle total da natalidade

País enfrenta rápido envelhecimento populacional após quatro décadas de restrições ao número de filhos

Será que a **China** está se preparando para eliminar completamente as restrições ao número de filhos que um casal pode ter? Cada vez mais sinais indicam que sim. O último foi nesta segunda-feira, dia 27. O projeto do novo Código Civil, resultado de uma extensa reforma, não faz menção ao “planejamento familiar”, termo que, no jargão burocrático, designa o polêmico controle de natalidade imposto há quatro décadas.

O *Diário da Procuradoria*, uma plataforma oficial de notícias sobre o Ministério Público chinês, anunciava a mudança em sua conta nas redes sociais. O projeto será examinado em caráter preliminar nesta semana durante a reunião do comitê executivo da Assembleia Nacional Popular, o parlamento.

O novo Código Civil entrará em vigor em 2020. Se forem mantidas as mudanças anunciadas na plataforma, sua introdução eliminará definitivamente do país mais populoso do mundo um detestado sistema de controle de natalidade, imposto mediante multas pesadas, mas que também recorreu com frequência às esterilizações e abortos forçados. Um sistema muito criticado por especialistas e por defensores dos direitos reprodutivos, que deixou como legado um acelerado envelhecimento populacional e um significativo desequilíbrio em favor do gênero masculino na proporção de nascimentos.

A China adotou a política de filho único em 1979 na tentativa de limitar o crescimento de uma população que hoje ultrapassa 1,37 bilhão de pessoas. Sempre houve exce-

ções, especialmente na zona rural e para as minorias étnicas, mas a regulamentação foi mantida até 2016. Naquele ano, finalmente se permitiu um segundo filho a todos os casais chineses que assim desejarem.

A flexibilização não surtiu o efeito que as autoridades queriam. A esperada explosão da natalidade não chegou. Em 2016, imediatamente depois que se permitiu o segundo filho, nasceram 17,9 milhões de crianças, de acordo com a Agência Nacional de Estatísticas. Apenas 1,3 milhão a mais do que em 2015 e metade do que o Governo previa. Passada a euforia inicial, em 2017 o número foi ainda menor, 17,2 milhões de novos bebês. Muito longe dos 20 milhões calculados pelas autoridades.

Para a socióloga Hu Xiaojiang, da Universidade Normal de Pequim, a mudança “deveria ter sido feita muito antes, dez anos atrás. Agora é difícil remediar a situação. Mas antes tarde do que nunca. Segundo ela, mesmo que o planejamento familiar seja completamente eliminado, “o efeito não será muito evidente. Serão necessários outros incentivos para os casais quererem mais filhos.”

O desejo de ter mais filhos é limitado. Como acontece em muitas outras sociedades, o custo econômico da educação de um segundo filho, ou de uma casa onde caibam pelo menos quatro pessoas, faz muitos casais jovens pensarem duas vezes. Casais formados, em muitos casos, por filhos únicos que cresceram sendo ensinados que o modelo ideal de família era o de um pai, uma mãe e um filho.

Algumas províncias já tomaram medidas como prolon-

gar a licença-maternidade; outras propõem abonos para cada novo filho. Dois acadêmicos propuseram uma solução contrária que tem gerado intensa polêmica nas redes sociais: penalizar com taxas quem tiver menos de dois filhos e destinar os recursos para um “Fundo Maternidade”.

O novo Código Civil, de acordo com o *Diário da Procuradoria*, também propõe dificultar os divórcios. Uma das alterações introduzidas prevê um prazo de um mês antes de começar a tramitar um pedido de divórcio para permitir que o casal se reconcilie.


A proposta gerou inúmeros comentários na internet chinesa. “Eles querem mais filhos e menos divórcios”, ironizava um internauta no Weibo, o Twitter chinês. Outro dizia para “devolver com juros o dinheiro das multas cobradas por ter mais filhos”.

A pista dada pela plataforma do Ministério Público não é a única que circulou nas últimas semanas. No início deste mês, os Correios emitiram um selo para comemorar o próximo ano do horóscopo chinês, o Ano do Porco, em que uma família suína aparece com três leitões. Uma trivialidade? Pode ser. Mas há precedentes. Em 2015, os Correios já anteciparam o relaxamento da política do filho único, que viria um ano depois. No selo comemorativo do Ano do Macaco, também havia uma família: pai e mãe símios com dois pequenos primatas

QUER MORAR, EMPREENDER OU ESTUDAR EM PORTUGAL?

PROCURE-NOS!

Somente

 WhatsApp

27 99996-8666

Geraldo Ribeiro

geraldoribeirocj@gmail.com

ATENDIMENTO EM LISBOA E NO PORTO

Tel.: Portugal

00 351 963 798 888



Violência e invisibilidade marcam realidade de lésbicas no Brasil

Pedro Rafael Vilela – Agência Brasil

O apagamento – ou invisibilidade – dentro do próprio movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT), o machismo e a violência estão entre os obstáculos que o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica, comemorado hoje (29), tenta enfrentar.

A data remete à realização, em 1996, do 1º Seminário Nacional de Lésbicas, que tratou da ocorrência de violações de direitos dessa população. Em 22 anos, a temática lésbica ganhou mais espaço no debate público, mas ainda há preconceito, violência e exclusão social, econômica e política dessa população.

A gente queria festejar o dia da visibilidade como um dia da conquista de direitos. Ainda não está sendo possível fazer isso”, disse a coordenadora-geral do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos LGBT, Kátia Guimarães.

Lesbocídio

Lançado em abril, o primeiro *Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil* mostra crescimento vertiginoso do assassinato de mulheres lésbicas nos últimos anos. O documento indica que, no período entre 2000 e 2017, foram registrados 180 homicídios de lésbicas, das quais 126 ocorreram entre os anos de 2014 e 2017.

O dossiê foi elaborado pelo Grupo de Pesquisa Lesbocídio – As histórias que ninguém conta, que atua no resgate de informações e histórias de lésbicas vítimas desse tipo de crime no país.

Para elaboração do documento, os dados foram obtidos a partir do mapeamento de redes sociais, portais na web, jornais eletrônicos e outros meios de comunicação que fossem expressões de notícias criminais nacionais, regionais e locais, buscando a identificação dos casos de lésbicas assassinadas ou que cometeram suicídio.

“A visibilidade que a gente queria não era essa. Não queremos estar nas páginas policiais, com um corpo caído no chão, ou o suicídio como falta de alternativa de vida”, afirmou Kátia Guimarães.

Estatísticas

Apesar do mapeamento da violência lesbofóbica, feito a partir de pesquisas acadêmicas, não há estatísticas oficiais que mostrem a extensão do problema, pois há uma série de entraves que impedem o registro e a notificação das mais distintas formas de violência.

De acordo com os estudos, as dificuldades estão na ausência de institucionalização do sistema de registros e notificações de mortes e das modalidades de violências de forma pública, assim como a falta de capacitação e preparo dos agentes do Estado para tratar o tema.

“O aumento dos registros e das notificações por meio de mídias digitais não necessariamente é resultado direto do aumento de casos de lesbocídio no Brasil, ele pode significar, sim, o aumento dos casos reais, como também pode significar apenas o aumento do número de notificações (...)”, diz um trecho do Dossiê sobre Lesbocídio, ao analisar os dados.

Em seguida, o texto afirma que “difícilmente qualquer organização ou grupo terá capacidade de chegar próximo aos números reais dos casos no Brasil”.

Demanda

Para Claudia Macedo, integrante da Associação Lésbica de Brasília – Coturno de Vênus, a principal demanda do movimento na atualidade é justamente a obtenção de estatísticas reais. “Sem informações sobre a população lésbica, como é que se pode desenvolver políticas públicas específicas?”, questionou.

Considerando a “ausência do Estado”, a Coturno de Vênus lançou recentemente o “Lesbocenso”, iniciativa que visa a coletar informações censitárias das lésbicas que vivem no Distrito Federal.

O Lesbocenso se baseia em um formulário, disponível na internet, que reúne dados, como faixa etária, raça/etnia, emprego, religião, grau de instrução, acesso à saúde e índices de violência. Até o momento aproximadamente 800



pessoas responderam.

Claudia Macedo disse que os números ainda não refletem a população lésbica em termos absolutos, mas permitem uma amostragem da realidade.

Amostragem

Pela amostragem, mais de 80% das pessoas que responderam ao questionário afirmam ter sofrido algum tipo de violência lesbofóbica, como assédio, agressões físicas e psicológicas. O levantamento mostra também que 40% das entrevistadas estão desempregadas, um número bem acima da média geral da população economicamente ativa no Brasil, que figura em torno de 12%.

“Nesse indicador, as que são consideradas fora do padrão do que deveria ser a ‘mulher feminina’ são quase sempre as mais prejudicadas em uma entrevista de emprego”, afirmou Claudia Macedo. Esse perfil, das lésbicas “não feminilizadas”, também responde pela maioria (55%) das mortes registradas no Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil, entre 2014 e 2017.

Segundo Kátia Guimarães, também é preciso aprimorar as ferramentas existentes, como o Disque 100, do Ministério dos Direitos Humanos, que também registra os casos de violência com recorte lesbofóbico. “Está prevista uma oficina nacional em setembro pra gente debater formas de dar maior divulgação ao Disque 100 e, sobretudo, para ter maior agilidade no acompanhamento e retorno dos casos. Quem sofre violência precisa de respostas rápidas em relação às denúncias feitas”, argumentou.

Paradoxalmente, a invisibilidade lésbica ocorre no momento em que o movimento conquista uma vitória importante. No início do mês, o Congresso Nacional aprovou uma mudança no Código Penal para tipificar o crime de importunação sexual.

O projeto de lei também incluiu uma tipificação específica para o chamado “estupro corretivo”, praticado com a finalidade de controlar o comportamento da vítima. “Esse é o crime de estupro que tem como alvo as lésbicas, mas a divulgação do projeto na mídia focou quase que totalmente na questão da importunação sexual no transporte público”, observou Evelyn Silva, ativista da Coturno de Vênus.

Saúde lésbica

Um dos desafios da população lésbica é garantir acesso à saúde que leve em consideração a especificidade dessa orientação sexual. Na questão ginecológica, por exemplo, toda a atenção está calcada na heteronormatividade.

“Se você informa ao médico que só mantém relações

sexuais com mulheres, é considerada sem vida sexual ativa, e isso tem uma série de implicações para a saúde”, disse Kátia Guimarães.

Claudia Macedo afirmou que até a atenção dispensada pelo profissional de saúde à lésbica é inferior, se comparado à heterossexual: “A duração de atendimento é menor, a ausência de cuidado é maior. Há pesquisas que falam que o índice de câncer do colo de útero é maior em mulheres não heterossexuais justamente porque não há acompanhamento adequado dessa parcela.”

De acordo com as ativistas, casos de problemas de saúde mental da população lésbica têm aumentado. Dados coletados pelo Dossiê sobre Lesbocídio mostram que, mesmo longe de representar a totalidade, 33 lésbicas cometeram suicídio no Brasil entre 2014 e 2017.

“A pressão da família, a rejeição da sociedade e a perspectiva de não ver futuro é algo que está batendo na população LGBT em geral, sobretudo na população lésbica, de forma específica”, disse Kátia Guimarães.

GREEN
COFFEE Xtreme

GREEN
COFFEE Xtreme

Já conhece a sensação do momento para perder peso rápido e com saúde?
Confira



A escalada das facções criminosas desafia o próximo presidente do Brasil

Luiz Carlos Mendonça, de 24 anos, saía de sua casa no bairro Mutirão, em Ribeirópolis, interior do Sergipe, por volta das 20h. Mal terminou de fechar o portão quando uma moto se aproximou e o garupa abriu fogo com uma pistola 380. Mendonça morreu no local. O crime, ocorrido em 2017 na outra pacata cidade do agreste central do Estado com pouco mais de 17.000 habitantes, não chocou a população. Aquele era o terceiro homicídio ocorrido apenas naquela noite. Em 2013 Ribeirópolis teve apenas 5 homicídios. Em 2014 foram 29, um aumento de 480%. O caso é um retrato da interiorização da violência no país e do aumento dos assassinatos em municípios no Nordeste (e no Norte), regiões que se tornaram a nova linha de frente do embate entre facções criminosas. Pequenas cidades antes pacíficas se veem imersas em conflitos armados, a grande maioria deles relacionado à disputa pelo controle do tráfico de drogas.

O panorama faz o município sergipano estar muito longe de ser exceção. Quando o assunto é segurança pública, o Brasil enxuga gelo há décadas. Fortunas saem dos cofres públicos ano após ano para tentar controlar a epidemia de homicídios que assola o país, além de tentar frear o avanço das facções criminosas. Dinheiro e vidas que parecem descer pelo ralo, na medida em que os números apontam para uma batalha que, até o momento, está sendo perdida: em 2005 foram gastos pouco mais de 27 bilhões de reais com segurança pública nas esferas federal, estadual e municipal. Doze anos depois, este valor mais do que dobrou, considerando-se a inflação do período, para 84,7 bilhões de reais, de acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública do Fórum Brasileiro de Segurança. Os homicídios, no entanto, bateram recorde no ano passado, com 63.880 vítimas fatais, ante 40.795 em 2005. A taxa média nacional, que era de 22,5 por 100.000 habitantes naquele ano, agora já está em 30,2.

Os crimes letais refletem o poder crescente dos grupos criminosos que atuam principalmente no mercado das drogas ilícitas. O problema das facções ganhou relevância nacional em 2016 após o fim da aliança entre o Primeiro Comando da Capital, o maior e mais organizado grupo, de São Paulo, e o Comando Vermelho, do Rio de Janeiro. O rompimento entre as facções, que se expandiram silenciosamente para vári-

os Estados durante anos sem a devida atenção das autoridades, trouxe a reboque uma série de rebeliões e massacres em presídios, além de violência nas ruas de cidades do Norte e Nordeste. A crise evidenciou o caráter nacional da questão, e uma série de facções até então desconhecidas, como Família do Norte, que surgiu em Manaus, Okaida, de João Pessoa, e a potiguar Sindicato do Crime RN, ganharam o noticiário.

Disputando rotas de tráfico e a supremacia nos presídios e periferias, estes grupos criados em sua maioria a partir dos anos de 2000 forjam alianças locais com CV ou PCC e fazem de seus Estados de origem a linha de frente de uma espécie de guerra envolvendo as facções fluminense e paulista. PCC e CV ainda não se enfrentam, ao menos ainda, abertamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, seus principais redutos e grande fonte de lucro, mas sua presença é sentida em embates no Ceará, Rio Grande do Norte, Acre, Roraima, Santa Catarina e outros. Homicídios e facções são fenômenos que andam juntos: o próximo presidente terá pela frente o desafio de romper com este ciclo de violência que ceifa majoritariamente a vida dos jovens negros e pobres moradores das periferias, como Mendonça, de Ribeirópolis

Não à toa o tema, em geral restrito às campanhas para governadores, responsáveis diretos pela segurança nos Estados, ganhou de vez a campanha presidencial. A presença do capitão da reserva Jair Bolsonaro (PSL) na disputa, com sua forte retórica populista e discurso linha-dura de enfrentamento ao crime, catapultou a pauta de vez. A maioria dos planos ou diretrizes de Governo apresentados pelos cinco principais candidatos à presidência este ano faz menção às "organizações criminosas" e ao "crime organizado" (leia abaixo). As soluções propostas pelos políticos incluem desde a criação de uma força-tarefa para combater os grupos até a construção de mais presídios - que ironicamente são o local de nascimento e fonte de recrutamento para as maiores facções, chamadas no jargão criminoso de "faculdades do crime".

A abordagem destes problemas precisa ser realista, frisam os especialistas. "Nenhum país consegue acabar com o consumo de drogas, principal motor das facções hoje em dia. Mas você consegue ter um mercado não violento de drogas, como ocorre na Europa e nos Estados Unidos, que é o maior consumidor do mundo", afirma Bruno Paes Manso, pesquisador do

Núcleo de Estudos da Violência da USP e autor, ao lado de Camila Dias, do livro *A Guerra: A Ascensão do PCC e o Mundo do Crime no Brasil* (Ed. Todavia). Por isso ele defende além da regulamentação do mercado da droga (algo difícil de ser alcançado no Brasil no curto prazo), uma mudança de foco no policiamento: da "guerra às drogas", praticada nas periferias brasileiras via policiamento ostensivo, violento e com prisões em flagrante de pequenos e micro traficantes, para a investigação de homicídios.

Boa parte dos homicídios não é investigado e em pouquíssimos casos se encontra o culpado, fazendo com que a impunidade reine quando o assunto é violência letal no país. A média de homicídios solucionados no Brasil gira em torno de 6%. "É necessário priorizar, focar na violência e na investigação e punição de crimes violentos, cometidos por pessoas armadas que querem se impor pela violência, sejam traficantes ou milicianos", afirma Manso. Para ajudar a esclarecer estes crimes, Manso defende o aprimoramento da Polícia Científica - responsável pelas perícias - e investimentos em inteligência policial. "O cobertor fiscal é curto e os Estados estão quebrados. É uma decisão política [de mudar o foco do policiamento] que precisa ser tomada", afirma.

O Brasil, no entanto, caminha na direção contrária. "Houve um aumento das prisões em flagrante, mas a Polícia Civil foi esquecida. Se prendeu muito a mão de obra barata do tráfico com operações de guerra nas quebradas. Mas o grande trabalho da polícia é entender como funciona a indústria do crime, para onde vai o dinheiro, quais as rotas de entrada de drogas, como se lava este dinheiro... Essa compreensão de inteligência é fundamental para fragilizar esses grupos e isso foi deixado de lado", diz. O exemplo pode vir até mesmo de operação como a Lava Jato, diz o pesquisador. Algumas das estratégias já adotadas para o combate ao crime do colarinho branco, segundo Manso, precisam ser colocadas em prática contra as facções para fragilizar o poder econômico destes grupos. "O crime organizado precisa ser combatido com investigações que lancem mão de técnicas avançadas, que envolva operadores do sistema financeiro, em parceria com o COAF [Conselho de Controle de Atividades Financeiras] e bancos", afirma o pesquisador.

Continua...

O combate em caráter mais estratégico das facções é um consenso. O aspecto aparece, aliado à defesa de um maior protagonismo do Governo Federal na segurança, no documento Segurança Pública é Solução, lançado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e pelos institutos Sou da Paz e Igarapé, todos ligados ao debate da tema. O texto traz uma série de diretrizes e sugestões para os candidatos, dentre elas a criação de um Conselho Nacional de Inteligência sobre crime organizado, nos moldes do COAF, “capaz de articular os diversos órgãos de inteligência estaduais e federais com foco no crime organizado interestadual e transnacional”.

Além disso, o documento também sugere uma maior “participação de recursos da União na execução orçamentária de Estados e municípios na segurança pública”. O Sistema Único de Segurança Pública, criado em maio deste ano, mas que ainda engatinha, também é apontado pelas entidades como sendo fundamental para a redução da violência e o combate às organizações criminosas, “criando uma instância de articulação permanente entre Executivo, Legislativo e Judiciário e que possa ser replicada nos Estados, com participação também do Ministério Público”.

A polêmica da queda dos homicídios em São Paulo

Até o momento a mais bem sucedida experiência de redução dos homicídios em um Estado brasileiro ocorreu em São Paulo, mas teve como principal artífice, de acordo com pesquisadores, não o poder público, mas o próprio PCC, que se consolidou como a maior facção criminosa do país. “O PCC instrumentalizou as políticas de segurança a seu favor. Cresceu com o sistema carcerário e implementou um sistema de justiça informal nas periferias, que interrompia os ciclos de vingança letal comuns entre jovens inscritos nos mercados ilegais nos anos 1990”, explica Gabriel Feltran, professor da Universidade Federal de São Carlos e diretor científico do Centro de Estudos da Metrópole da Universidade de São Paulo. “Por isso o homicídio que mais cai é o das periferias, regulado pela facção. Latrocínio e letalidade policial não caem. Outras estatísticas de criminalidade [como tráfico de drogas e roubos] seguem crescendo no período”, afirma o autor do livro Irmãos - Uma história do PCC (Companhia das Letras).

Se antes os jovens paulistas morriam em grandes números nas periferias, assassinados por desentendimentos entre quadrilhas rivais ou motivos banais (briga de bar, etc), hoje é proibido tirar uma vida nas quebradas sem passar pelo debate com integrantes do PCC –também conhecido como tribunal do crime. Lá



todas as partes envolvidas dão sua versão dos fatos, com direito a defesa e apresentação de testemunhas. Cabe aos irmãos (nome dados aos filiados da facção) determinar qual a pena para determinado crime. Se o caso é grave, lideranças presas podem participar do julgamento via teleconferência. Matar alguém sem autorização dos irmãos é considerada uma falta grave, punida muitas vezes com morte.

“É inacreditável dizer que pessoas deixam de ser mortas e que é o crime que fez. É a polícia que fez”, rebateu nesta quarta-feira, no Jornal Nacional, da TV Globo, o ex-governador tucano de São Paulo, Geraldo Alckmin, que tenta usar como trunfo a queda dos homicídios em São Paulo. O Governo de SP, inclusive, foi apontado em um depoimento obtido em 2015 pelo jornal O Estado de S. Paulo como responsável por um acordo com o PCC para encerrar a onda de ataques contra policiais que aterrorizou a população em 2006 —na época, o Governador era Cláudio Lembo, vice do tucano, que havia renunciado ao Governo para concorrer à Presidência. Alckmin e os demais Governos paulistas sempre argumentaram que a queda dos homicídios foi fruto da implementação de políticas públicas, construção de novas unidades prisionais e maior eficiência do trabalho policial. As estatísticas mostram, no entanto, que em São Paulo, a taxa de homicídios solucionados é de apenas 38,6%. As prisões superlotadas paulistas não estão cheias de assassinos, mas sim majoritariamente de pequenos traficantes, segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), que apontam que mais de 26% dos internos são presos

pelo crime de tráfico, 26% por roubo e 12% por furto. Homicidas são apenas 11% da população carcerária.

As estatísticas também apontam para uma coincidência entre a redução de homicídios e a consolidação da facção paulista, que nasceu em 1993, no anexo da Casa de Custódia de Taubaté, conhecido como Piranhão, mas apenas no início dos anos 2000 ganhou força nas periferias do Estado. Em 2001, um dos anos mais críticos, São Paulo teve 41 mortes por 100.000 habitantes. A partir desse ano a taxa vai caindo gradativamente, até alcançar, em 2017, a menor taxa do país: 10,7. Nos Estados onde o PCC tem forte presença e hegemonia, como Paraná e Mato Grosso do Sul, as taxas de homicídio ficaram abaixo da média nacional, que é de 30,2 por 100.000 habitantes. Estes Estados têm, respectivamente, 22,6 e 20,8.

Já nos Estados onde há forte disputa entre grupos rivais, como, por exemplo, Ceará, Pernambuco e Rio de Janeiro, os homicídios atingem níveis alarmantes (59,1 - 57,3 - 40,4). O Estado mais violento é o Rio Grande do Norte, com 69. “O fato de você ter uma certa hegemonia e conseguir ter uma ascendência sobre esses mercados [do PR, SP e MT] diminui estes conflitos”, afirma Manso. “Conflito é custo, conflito é risco. Quanto mais estável e previsível melhor para todos. Com o tempo todos neste mercado ganham com isso, e essa lição foi aprendida pelo PCC no início dos anos 2000”, diz Manso.

Por Gil Alessi
Fonte: El País

Tênis Masculino Casual Com Solado Anatômico Anti Derrapante



Passos leves e confortáveis máximo prazer ao caminhar, você está prestes a adquirir um produto com garantia de extrema qualidade por apenas:

R\$119,90

Ou em até 12x no cartão

Comprar

360 CÂMERA
ESPIÃ

Lâmpada LED com câmera espiã.

Sua casa sempre protegida.

 QUERO COMPRAR MINHA
360 CÂMERA ESPIÃ

 Vigilância sem furar parede.
Basta trocar **qualquer lâmpada**
pela **360 CÂMERA ESPIÃ**.

 CÂMERA HD
VISÃO 360°

 3 LEDS
FORTES

 BOCAL E27
PADRÃO BRASIL
BIVOLT

 MONITORAMENTO
AO VIVO EM 360°

Tecnologia mais avançada do mercado para monitoramento
Ideal para utilizar em casa para monitorar crianças, idosos, animais
E também no trabalho para monitorar seu escritório, funcionários ou veículos
Sistema extremamente simples de instalar, basta colocar em um bocal de lâmpada comum
Tem o tamanho e formato de uma lâmpada de LED comum, super discreto
Conecta na sua rede WIFI e permite que você visualize e interaja de qualquer local do mundo pelo celular ou tablet

É só trocar!

Fácil assim.



Apenas

12x de R\$ 23,80

ou R\$ 237,00 À VISTA

COMPRE AGORA

 ENVIO IMEDIATO
PARA TODO O BRASIL